

Grutas em contexto. Contributo para a história das pesquisas em grutas-necrópole neolíticas e calcolíticas da Estremadura Portuguesa

Caves in context. Contributions to the research history of Neolithic and Chalcolithic cave burials in the Portuguese Estremadura

DANIEL VAN CALKER

UNIARQ — Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa
FCT — Fundação para a ciência e tecnologia
daniel.calker@campus.ul.pt

Resumo

Este artigo pretende realizar uma apresentação exaustiva da dinâmica de investigação em grutas-necrópole da Estremadura portuguesa. Com quase 160 anos de investigação ativa, estes sepulcros neolíticos e calcolíticos constituem um caso de estudo com interesse particular para a História da Arqueologia em Portugal. Os indicadores provenientes desta tipologia de sítio têm-se acumulado nos últimos anos e são hoje dos mais relevantes para a Pré-História Recente do Centro e Sul do atual território português. Importa compreender o caráter das pesquisas, focando nos objetivos e métodos que constituem o legado atual e sobre o qual se baseiam alguns dos projetos atualmente em curso.

A análise sobre um conjunto de mais de uma centena de grutas-necrópole revelou uma distribuição interessante, alternando momentos de grande atividade com outros de quebra dessa mesma atividade. O número de intervenções antigas é ainda superior ao das mais recentes, pelo que se chama a atenção para a sua integração no discurso arqueológico atual.

Palavras-chave: dinâmica de investigação, grutas, Estremadura, práticas funerárias, Pré-História Recente, métodos de escavação

Abstract

This article aims to provide a wide-ranging overview of the research dynamics in the cave-necropolis of the Portuguese Estremadura. With nearly 160 years of active research, these Neolithic and Chalcolithic burials constitute a case study of particular interest to the History of Archaeology in Portugal. Indicators from this site typology have accumulated in recent years and are now among the most relevant for the Late Prehistory of the Central and Southern regions of the current Portuguese territory. It's important to understand the nature of the research, focusing on the objectives and methods that make up the current legacy and form the basis for some of the ongoing projects.

The analysis of over a hundred cave burials has revealed an interesting distribution, alternating periods of high activity with others of a decline in that same activity. The number of old interventions is still higher than the most recent ones, drawing attention to their integration into contemporary archaeological discourse.

Key words: Research Dynamics, Caves, Estremadura, Funerary Practices, Late Prehistory, Excavation Methods

CÓMO CITAR ESTE ARTÍCULO / HOW TO CITE THIS ARTICLE

Calker, D. van (2025): "Grutas em contexto. Contributo para a história das pesquisas em grutas-necrópole neolíticas e calcolíticas da Estremadura Portuguesa". *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 51(1): 11-50. <<https://doi.org/10.15366/cupauam2025.51.1.001>>.

1. Introdução

A realidade arqueológica do Neolítico e Calcolítico da Estremadura portuguesa, e particularmente no que concerne a sua dimensão funerária, é marcada por uma herança centenária de investigações que fazem desta região uma das mais relevantes para o estudo da Arqueologia da morte na faixa mais ocidental da Península Ibérica. Neste universo incluem-se as grutas naturais, cuja utilização enquanto recetáculo para os mortos se encontra bem atestada nesta e noutras paisagens europeias de calcários onde ocorrem estes fenómenos. De facto, em todas as áreas cuja geologia permite estas ocorrências, verifica-se o seu aproveitamento sistemático enquanto espaço de necrópole a partir do Neolítico, coexistindo com uma panóplia extensa de outros contentores e soluções funerárias à escala europeia.

A geografia deste estudo está desde logo limitada a Oeste pelo Atlântico. A Norte, o desenho é circunscrito à área ocupada pelo Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros, ainda que com uma margem claramente assumida, de forma a incluir ocorrências importantes nos concelhos da Batalha, Ourém e, claro, Tomar. A Este, nas zonas mais interiores, o limite é sinuoso, mas que se compreende pela continuidade e estreita proximidade cultural que exibem com as restantes grutas-necrópole. Finalmente, a Sul, optou-se por trabalhar mais detalhadamente a área a Norte do Tejo, ainda que se tenha procurado complementar com os dados provenientes dos territórios a Sul deste rio e que conformam a designada Península de Setúbal, de forma a definir um quadro rigoroso e completo. Refira-se, contudo, que estes assumem um carácter distinto na natureza deste trabalho. Em essência, este âmbito geográfico corresponde à província histórica da Estremadura, e uma parte substancial do Ribatejo.

Um dos traços mais característicos da Estremadura, do ponto vista geológico, são os maciços calcários do Jurássico e Cretácico, onde se registam abundantes fenómenos cársicos com ocupação funerária durante a Pré-História Recente. Esta paisagem de grande importância geomorfológica, principalmente na zona do Maciço Calcário Estremenho (MCE), tem uma grande disponibilidade destas

estruturas naturais, de que apenas um conjunto foi selecionado para a deposição dos mortos pelas comunidades neolíticas e calcolíticas. Em concreto, e no estado atual dos conhecimentos, foram reconhecidas um total de 119 grutas-necrópole, agrupadas em torno das principais unidades geomorfológicas deste território: MCE, Planalto das Cesaredas, Montejunto e o conjunto de serras e colinas que se situam entre este último e Lisboa (figura 1). Já no distrito de Setúbal, registam-se pelo menos nove cavidades com ocupações funerárias desta época, localizadas no imponente relevo que é a Serra da Arrábida, já bem no Sul deste território.

Assumem, desde logo pelo quantitativo, um papel fundamental no cômputo geral das prescrições funerárias destas comunidades e que ultrapassa largamente o número dos sepulcros construídos identificados neste território até ao momento. Refira-se, contudo, que os conhecidos eventos de destruição de monumentos construídos não se aplicam às grutas naturais, pelo que a real diferença entre as duas realidades poderá não ser tão acentuada.

Apesar dos diversos processos tafonómicos que ocorrem no seu interior, as boas condições de preservação dos contextos arqueológicos presentes na generalidade das grutas estremenhas evidenciam um imenso potencial analítico. O registo demonstra que começam a ser utilizadas com um propósito funerário desde a instalação das primeiras sociedades camponesas neste território, mantendo uma larga diacronia pelo menos até à transição para a Idade do Bronze. É, contudo, durante o 4º e 3º milénios a. n. e. que se verifica um claro pico na sua utilização, coincidindo com a génese e desenvolvimento do Megalitismo. Nesta região, o fenómeno é assinalado por um conjunto significativo de sepulcros, distribuídos por diversas arquiteturas relacionadas com a morte, construídas e naturais. É uma realidade que apresenta um carácter super-estrutural, cuja ideologia e simbolismo são independentes dos espaços da morte em que ocorrem, nas quais se integram as grutas-necrópole (Gonçalves, 2003). É um enquadramento certamente discutível, e que não pretende retirar o fator simbólico e ideológico das arquiteturas funerárias construídas, mas que parece ser efetivamente operável num contexto crono-cultural específico.

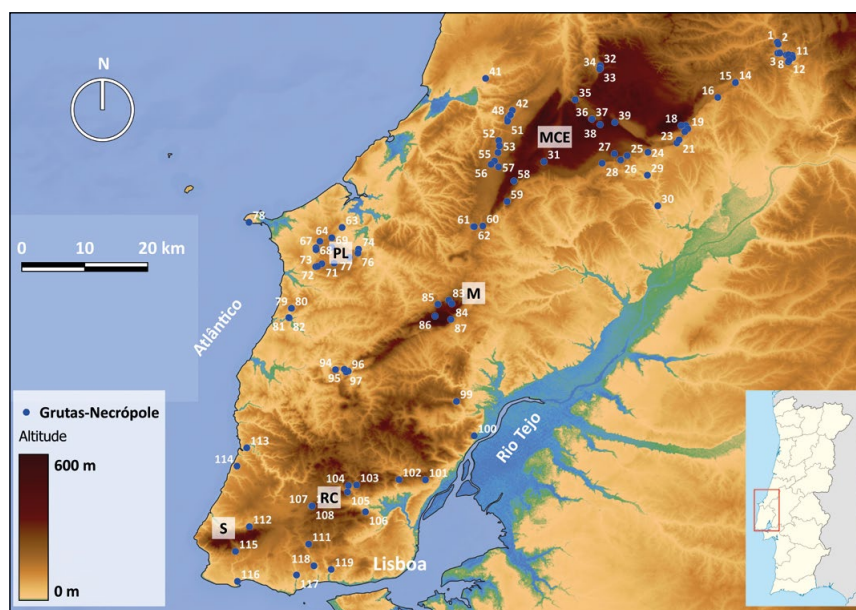


Figura 1A. Localização das grutas-necrópoles na Estremadura portuguesa. Assinalam-se as principais unidades de relevo (MCE- Maciço Calcário Estremenho; PL- Planalto das Cesaredas; M- Montejunto; RC- Cuesta Landform ; S- Sintra) e os sítios arqueológicos (dos quais 92% têm coordenadas geográficas). A identificação dos contextos funerários consta da Tabela 1

Figure 1A. Location of the cave-necropolises within the Portuguese Estremadura region. The map highlights the most significant topographic units (MCE- Estremadura Limestone Massif; PL – Cesaredas Plateau; M- Montejunto Mountain; RC- Cuesta Landform; S- Sintra Massif) and archaeological sites (of which 92% are geographically referenced). The identification of the sites is referenced in Table 1

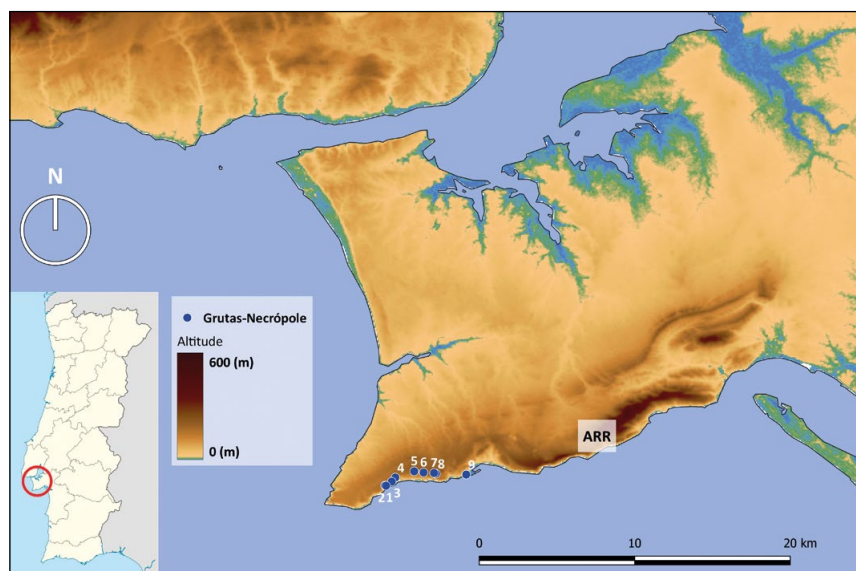


Figura 1B. Localização das grutas-necrópoles na Península de Setúbal, localizadas no concelho de Sesimbra. Assinala-se a principal unidade de relevo que marca esta área: ARR – Serra da Arrábida. 1. Lapa 4 de Maio. 2. Lapa dos Corvos Marinhos. 3. Lapa da Furada/ Lapa do Piolho. 4. Lapa do Bugio. 5. Lapa do Sono. 6. Pinheirinhos 1. 7. Lapa do Sapo/Lapa do Chão. 8. Lapa do Fumo. 9. Grutas do Forte do Cavallo

Figure 1B. Location of the cave-necropolises on the Setúbal Peninsula, located in the municipality of Sesimbra. The map highlights the most significant topographic unit in the region: ARR – Serra da Arrábida. 1. Lapa 4 de Maio. 2. Lapa dos Corvos Marinhos. 3. Lapa da Furada/Lapa do Piolho. 4. Lapa do Bugio. 5. Lapa do Sono. 6. Pinheirinhos 1. 7. Lapa do Sapo/Lapa do Chão. 8. Lapa do Fumo. 9. Grutas do Forte do Cavallo

Este trabalho não pretende discutir as transformações no que ao ritual funerário diz respeito, mas antes a dinâmica da investigação desta tipologia sepulcral pré-histórica e de que forma esta contribuiu para o próprio desenvolvimento da ciência arqueológica em Portugal. Nesse sentido, e visto que são indissociáveis, procura-se igualmente valorizar os apontamentos metodológicos referentes às intervenções destes espaços e que, inevitavelmente, condicionam as análises correntes da prática arqueológica.

Desde a segunda metade do século XIX que se tem produzido informação arqueológica referente às ocupações funerárias em grutas. Durante muito tempo valorizaram-se essencialmente os aspetos relacionados com o espólio votivo, passível de relacionar com o material de acompanhamento proveniente de outras tipologias de sepulcro no Centro e Sul de Portugal.

Nas últimas décadas tem-se alterado esta tendência, aplicando um conjunto muito alargado de estudos científicos que vêm colocando em evidência a relevância dos vestígios recolhidos em grutas-necrópole (citando apenas alguns: Carvalho, 2014; Carvalho e Cardoso, 2015; Rodrigues *et alii*, 2020; Cardoso, 2024).

É, contudo, necessário referir o carácter pulverizado de todo este volume de informação e cuja natureza se pretende contrariar. Observar e caracterizar os ritmos de trabalho são, portanto, fundamentais.

O carácter notório das grutas e as ocupações humanas é algo que tem a sua origem precisamente numa fase precoce do desenvolvimento da Arqueologia enquanto disciplina independente, constituindo um pilar de apoio praticamente imutável. E é esta longevidade das pesquisas em Portugal, com quase 160 anos, que se pretende tratar neste artigo.

2. Metodologia

No âmbito deste trabalho foram apenas consideradas as grutas com ocupação funerária devidamente comprovada, ou seja: na análise que propomos, foi feita a opção de excluir da listagem todos os espaços cársicos que não providenciaram qualquer resto humano (*cf.* gruta das Pulgas, no Bombarral, ou a gruta do Garcia, no Cadaval). Excluíram-se também as

grutas que apesar de conterem ossos humanos, não providenciaram quaisquer indicadores cronológicos (*cf.* Algar da Malhada de Dentro, em Ourém). A totalidade das evidências consideradas resultou na produção das tabelas 1A e 1B, sendo que a última considera apenas as grutas do concelho de Sesimbra.

Há, contudo, um outro conjunto de grutas cuja presença de restos humanos não é categoricamente referida, mas que se optou por manter na referida listagem seguindo dois critérios fundamentais:

1. Os espólios exumados assumem características estritamente votivas, como é o caso dos artefactos ideotécnicos (*cf.* gruta da Fórnea, no Cadaval, ou a gruta de Carnaxide, em Oeiras);
2. O carácter funerário dos sítios é assumido na bibliografia antiga, apesar de se desconhecer atualmente grande parte das evidências reconhecidas no interior destes espaços (*cf.* gruta Principal e Secundária, na Lourinhã, ou Vale de Lobos, em Sintra). Seja como for, este conjunto de natureza indeterminada, por assim dizer, corresponde apenas a uma parte residual da totalidade.

Em termos da contabilização do número de trabalhos (escavação ou reconhecimento do carácter funerário das grutas), optou-se por contar individualmente cada ação, independentemente da duração de algumas destas campanhas, com uma duração muito variável e nem sempre sequencial. Além disso, muitas campanhas realizadas nestas jazidas têm como objetivo a escavação dos depósitos da Pré-História Antiga, sem intervenção nos contextos holocénicos. Assim, é natural que o número destes trabalhos ultrapasse o universo das grutas-necrópole ($N=119$), visto que há uma parte significativa que recebeu os esforços de mais do que um investigador, em períodos distintos. Não se contabilizam, por razões óbvias, as escavações clandestinas, conquanto uma realidade comum para as grutas com ocupação arqueológica visível (ou comprovada).

A base de dados para a realização deste trabalho foi compilada através de diferentes fontes: bibliografia de referência, cadernos de campo pessoais, correspondência dos protagonistas das intervenções, fotografias e o fundo arquivístico da Arqueologia portuguesa, da

responsabilidade da tutela. As divisões periódicas referentes à atividade arqueológica seguem em grande parte o modelo já consolidado para a história da

Arqueologia portuguesa (Fabião, 1999; Fabião, 2011; Bugalhão, 2021), com ligeiras variações que se consideraram apropriadas dado o objeto de estudo.

Sítio Arqueológico	CNS*	Concelho	Escavação (S/N)	Data dos Trabalhos	Responsável	¹⁴ C (Restos Humanos)	Nº do Mapa
Buraco Roto 2	137	Batalha	Sim	1980's	Indeterminado		32
Lapa do Fetal	40357	Batalha	Não	2016	Telmo Pereira, Trenton Holliday, Vânia Carvalho		33
Lapa dos Ossos	40362	Batalha	Não	2016	Telmo Pereira, Trenton Holliday, Vânia Carvalho		34
Lapa dos Furos	2722	Ourém	Sim	1982; 1987-1988	Ana Cristina Araújo, Fernando Real, João Zilhão		1
Pedreira do Sobral /Lapa do Pedro Moura	11337	Tomar	Não	1978	CEPPRT; GEEP		5
Gruta do Cadaval	4930	Tomar	Sim	1983-1988; 2019	Ana Cruz, Luiz Oosterbeek, Telmo Pereira	Sim	9
Gruta do Caldeirão	1315	Tomar	Sim	1979-1989; 2021- 2023	José Mateus, João Zilhão	Sim	13
Morgado Superior	11334	Tomar	Sim	1988, 2012-2013, 2015-2019	Ana Cruz, Luiz Oosterbeek	Sim	6
Gruta dos Ossos	5848	Tomar	Sim	1986-1989	Luiz Oosterbeek	Sim	8
Penha da Moura	11339	Tomar	Não	Indeterminado	Indeterminado		10
Vale Freixo 1	11338	Tomar	Não	1978	CEPPRT; GEEP (Grupo para o Estudo do Paleolítico Português)		3
Vale Freixo 2	11338	Tomar	Não	1978	CEPPRT		4
Gruta Nossa Senhora das Lapas	4291	Tomar	Sim	1988-1990; 1992; 1994	Luiz Oosterbeek, Ana Cruz	Sim	7
Sobreirinho	11336	Tomar	Não	1987	Luiz Oosterbeek, Ana Cruz		11
Buraca das Andorinhas	11333	Tomar	Não	1980's	CEPPRT		12
Buraco do Velho	17134	Tomar	Sim	1987	João Zilhão		2
Lapa da Canha Longa	12732	Torres Novas	Não	1980's	STEa		17
Galeria da Cisterna	31444	Torres Novas	Sim	1937-1942; 1988-1989	Afonso do Paço; Maxime Vaultier; Georges Zbyzewski; Eugénio Jalhay; Melo Nogueira; João Zilhão	Sim	21
Buraca da Moura da Rexaldia	1773	Torres Novas	Sim	1982-1986	Farinha dos Santos		16
Lapa da Bugalheira	646	Torres Novas	Sim	1941, 1986, 2019-2021	Afonso do Paço, Maxime Vaultier e G. Zbyzewski; STEa; Filipa Rodrigues; João Zilhão	Sim	23

Sítio Arqueológico	CNS*	Concelho	Escavação (S/N)	Data dos Trabalhos	Responsável	¹⁴ C (Restos Humanos)	Nº do Mapa
Lapa dos Namorados	4628	Torres Novas	Não	1986	Ana Cristina Araújo, STEA	Sim	19
Lapa da Modeira	3686	Torres Novas	Sim	1960's; 1980's	Gil Migueis de Andrade, Ana Cristina Araújo, STEA		18
Gruta 2 da Bezelga	14683	Torres Novas	Sim	2006	Adelaide Pinto, Filipa Rodrigues		14
Gruta 3 da Bezelga	12619	Torres Novas	Sim	2006	Adelaide Pinto, Filipa Rodrigues		15
Casais do Arrife	8008	Torres Novas	Sim	1992	João Zilhão		28
Almonda - Entrada Superior 2	40900	Torres Novas	Sim	1988; 1989	João Zilhão		22
Algar do Picoto	12668	Torres Novas	Sim	1989	João Zilhão; STEA	Sim	20
Algar do Barrão	8440	Alcanena	Sim	1993	João Zilhão, João Maurício, Pedro Souto	Sim	26
Gruta da Marmota	222	Alcanena	Sim	1973, 1974	Víctor Gonçalves	Sim	29
Gruta dos Carrascos	1697	Alcanena	Sim	1908	Félix Alves Pereira		27
Lapa da Galinha	12612	Alcanena	Sim	1908	Félix Alves Pereira		24
Algar dos Casais da Mureta	26232	Alcanena	Não	Indeterminado	Proprietário	Sim	25
Lapa da Mouração	3670	Porto de Mós	Sim	1904, 1969	Santos Rocha; Farinha dos Santos		35
Ventas do Diabo	12725	Porto de Mós	Não	Indeterminado			39
Lapa Comprida do Castelejo- Lapa do Covão do Geão	31216	Porto de Mós	Sim	2008	Ana Cruz, Luiz Oosterbeek, Tiago Tomé		36
Lapa Rasteira do Castelejo	32865	Porto de Mós	Sim	2009-2012	Ana Cruz, Ana Graça, David Delfino	Sim	37
Covão do Poço	13631	Porto de Mós	Sim	1999	Gertrudes Zambujo, Sandra Lourenço	Sim	38
Lapa dos Morcegos	3595	Porto de Mós	Sim	1969	Indeterminado		40
Algar do João Ramos/Redondas	1653	Alcobaça	Sim	1898, 1909	Vieira da Natividade; Paul Choffat		54
Cabeço da Ministra Alta	1647	Alcobaça	Sim	1886-1900	Vieira da Natividade		43
Cabeço de Turquel-Casa da Moura	22047	Alcobaça	Sim	1869, 1880	Possidónio da Silva; Carlos Ribeiro		57
Cabeço da Ministra Baixa	28562	Alcobaça	Sim	1886-1900	Vieira da Natividade		44
Calatras Alta	12821	Alcobaça	Sim	1886-1900	Vieira da Natividade		48
Calatras Média	12822	Alcobaça	Sim	1886-1900	Vieira da Natividade		49
Casa da Génia	12820	Alcobaça	Sim	1886-1900	Vieira da Natividade		50
Ervideira	12823	Alcobaça	Sim	1886-1900	Vieira da Natividade		45
Lagoa do Cão	12722	Alcobaça	Sim	1886-1900	Vieira da Natividade		51
Cadoiço	12721	Alcobaça	Sim	1886-1900	Vieira da Natividade		42

Sítio Arqueológico	CNS*	Concelho	Escavação (S/N)	Data dos Trabalhos	Responsável	¹⁴ C (Restos Humanos)	Nº do Mapa
Carvalhal de Turquel_ Algar do Estreito	1644	Alcobaça	Sim	1881	Carlos Ribeiro		55
Vale do Touro	12723	Alcobaça	Sim	1886-1900	Vieira da Natividade		52
Mosqueiros Alta	5322	Alcobaça	Sim	1886-1900	Vieira da Natividade		46
Mosqueiros Baixa	33739	Alcobaça	Sim	1886-1900	Vieira da Natividade		53
Pena da Velha	12824	Alcobaça	Sim	1886-1900	Vieira da Natividade		47
Cova das Lapas_ Ribeira do Pereiro	4229	Alcobaça	Sim	1984, 1986, 1987, 2006, 2007	Victor Gonçalves, Jonathan Haws	Sim	41
Rio Seco	21775	Alcobaça	Sim	2004, 2005	João Tereso		56
Senhora da Luz I	3840	Rio Maior	Sim	1935	Manuel Heleno		61
Senhora da Luz II	10174	Rio Maior	Sim	1935, 1936, 1987	Manuel Heleno, João Zilhão, Anthony Marks		62
Gruta da Raposa	12743	Rio Maior	Não	Indeterminado	Fernando de Almeida		59
Gruta das Alcobertas	199	Rio Maior	Sim	1880	António Mendes	Sim	58
Buraca da Moura	10168	Rio Maior	Sim	1930's; 1987	Manuel Heleno; Lawrance Straus		60
Lapa do Saldanha	17154	Santarém	Sim	1877	Carlos Ribeiro		30
Lugar do Canto	2623	Santarém	Sim	1975, 1976	J. Norton, G. Zbyzewski, O. Veiga Ferreira, C. T. North, M. Leitão	Sim	31
Gruta da Furninha	1361	Peniche	Sim	1879, 1880	Nery Delgado	Sim	78
Malgasta	1928	Peniche	Sim	1865	Nery Delgado		65
Gruta dos Bolhos II	1038	Peniche	Não	2008	João Caninas		66
Cova da Moura	37208	Peniche	Sim	1860's	Nery Delgado	Sim	67
Gruta da Barroda	38610	Peniche	Não	2016	Luís Rendeiro, Cátia Delicado		68
Casa da Moura	1120	Óbidos	Sim	1865, 1866, 1879, 1880	Nery Delgado	Sim	64
Furadouro /Lapa da Amoreira	4704	Óbidos	Sim	1906, 1919	Bernardo de Sá; Manuel Heleno		63
Cova da Presa	33687	Lourinhã	Não	2000	AESDA		79
Gruta 1 e 2 da Feteira	2070	Lourinhã	Sim	1982, 1995, 1996, 1997	João Zilhão, Cidália Duarte, Ana Cristina Araújo	Sim	71
Lapa Furada	3374	Lourinhã	Sim	1865	Nery Delgado		69
Lapa do Reguengo Pequeno	651	Lourinhã	Não	Indeterminado	Indeterminado		70
Quinta dos Morcegos	30669	Lourinhã	Não	Indeterminado	Proprietário		77
Gruta Secundária	1930	Lourinhã	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado		73
Gruta Principal	2318	Lourinhã	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado		72
Gruta do Micael	40429	Lourinhã	Não	2022	Indeterminado		80

Sítio Arqueológico	CNS*	Concelho	Escavação (S/N)	Data dos Trabalhos	Responsável	¹⁴ C (Restos Humanos)	Nº do Mapa
Lapa do Suão	44	Bombarral	Sim	1880; 1903; 1904; 1963-1968; 1970-1973; 1976-1980; 1982; 1984-1987; 2010	Carlos Ribeiro; Santos Rocha; Artur Sales Henriques; Antero Furtado; António Maurício; Vasco Côrtes; Jorge Monteiro; Jean Roche; Vítor Oliveira Jorge; José Meireles Batista; João Pedro da Cunha-Ribeiro		75
Serra da Roupa	155	Bombarral	Sim	1971	Vasco Cortes, Antero Furtado, António Maurício	Sim	74
Gruta do Caixão	1543	Bombarral	Sim	1903	Santos Rocha		76
Curral das Cabras Gafas	5184	Cadaval	Sim	1930's	Leonel Trindade		88
Gruta I e II do Furadouro	1970	Cadaval	Sim	1880	Nery Delgado		89
Gruta III e IV do Furadouro	1970	Cadaval	Sim	1894	Maximiano Apolinário, António Maria Garcia		90
Salve-Rainha	6360	Cadaval	Sim	1956	Leonel Ribeiro, Afonso do Paço		86
Gruta das Lapas	2295	Cadaval	Sim	1893	António Maria Garcia		91
Furadouro da Rocha Forte	12582	Cadaval	Sim	1930's	Leonel Trindade; Manuel Pedro Madeira	Sim	83
Gruta do Charco 2	33726	Cadaval	Não	2010	Adelaide Pinto		85
Fontainhas		Cadaval	Sim	1879/1880	Manuel Roque, Nery Delgado	Sim	84
Fórnea		Cadaval	Sim	1930's	Leonel Trindade		92
Chocalheiras		Cadaval	Sim	Indeterminado	Indeterminado		93
Cova da Moura (Torres Vedras)	4008	Torres Vedras	Sim	1932	Leonel Trindade, Ricardo Belo	Sim	94
Gruta 1 da Portucheira	4011	Torres Vedras	Sim	1925-1950	Leonel Trindade		96
Gruta 2 da Portucheira	525	Torres Vedras	Sim	1925-1950	Ricardo Belo		97
Lapa da Rainha 2	521	Torres Vedras	Sim	1986	Michael Kunst, João Zilhão	Sim	82
Abrigo da Carrasca	4010	Torres Vedras	Sim	1931	Ricardo Belo	Sim	95
Vale dos Carvalhais		Torres Vedras	Sim	Indeterminado	Manuel Pedro Madeira		98
Grutas da Maceira _ Grutas Gémeas	41697	Torres Vedras	Sim	1879	Nery Delgado		81
Algar do Bom Santo	11528	Alenquer	Sim	1994, 1995, 1997, 2001	Cidália Duarte, Arnaud	Sim	87
Refugidos	18144	Alenquer	Sim	1900-1930	Hipólito Cabaço		99
Abrigos Lisandro	21817	Mafra	Sim	2017	Alexandra Valente, Bruno Silva, Carlos Costa		113
Pedra Furada	6397	Vila Franca de Xira	Sim	1955	Hipólito Cabaço	Sim	100

Sítio Arqueológico	CNS*	Concelho	Escavação (S/N)	Data dos Trabalhos	Responsável	¹⁴ C (Restos Humanos)	Nº do Mapa
Verdelha dos Ruivos	12825	Vila Franca de Xira	Sim	1973, 1974	J. Norton, G. Zbyzewski, O. Veiga Ferreira, C. T. North, M. Leitão	Sim	101
Correio-Mor	13117	Loures	Sim	1974	J. Norton, G. Zbyzewski, O. Veiga Ferreira, C. T. North, M. Leitão	Sim	106
Gruta de Salemas	1707	Loures	Sim	1959-1960; 1983	Albuquerque e Castro; Veiga Ferreira; Camarate França; Humberto Oliveira	Sim	103
Lapa da Figueira	5839	Loures	Não	1985	GEL		102
Gruta das Salamandras	3711	Loures	Sim	1963	Carl Harpsøe		105
Gruta do Tufo		Loures	Indeterminado	Indeterminado			104
Colaride	3528	Sintra	Não	1960's	Indeterminado		111
Castanhais/ Pedra Verde	6247	Sintra	Indeterminado	<1914	Indeterminado		112
Vale de Lobos	1962	Sintra	Indeterminado	<1914	Indeterminado		107
Fojo dos Morcegos	174	Sintra	Sim	1958, 1965	Gustavo Marques, Camarate França, Eduardo da Cunha Serrão		114
Gruta do Arco _ Cova Grande		Sintra	Sim	1878	Carlos Ribeiro		108
Cova da Raposa		Sintra	Sim	1878	Carlos Ribeiro		110
Biguino		Sintra	Sim	1878	Carlos Ribeiro		109
Poço Velho	642	Cascais	Sim	1879	Carlos Ribeiro, António Mendes	Sim	116
Porto Covo	1965	Cascais	Sim	1879	Carlos Ribeiro, António Mendes	Sim	115
Gruta de Carnaxide	11247	Oeiras	Sim	< 1900	Mesquita de Figueiredo		119
Ponte da Laje	784	Oeiras	Sim	1879, 1950, 1958, 1993	Carlos Ribeiro, Otávio da Veiga Ferreira, João Luís Cardoso	Sim	117
Moinho da Moura		Oeiras	Sim	<1878	Carlos Ribeiro	Sim	118

Tabela 1A. Listagem das grutas-necrópole neolíticas e calcolíticas da Estremadura portuguesa, organizadas por área administrativa. *CNS – Código Nacional de Sítio. Nota: As datas dos trabalhos podem incluir campanhas em que não foram intervencionados os depósitos holocénicos, mas antes os plistocénicos – sendo, portanto, difícil dissociar uma realidade da outra, especialmente quando se tratam de escavações antigas

Table 1A. List of neolithic and chalcolithic cave necropolis in the Portuguese Estremadura, organized by administrative area. *CNS – National Site Code. Note: The dates of the archaeological works may include campaigns in which only the Pleistocene deposits were excavated and not the Holocene ones – making it difficult to dissociate both realities, specially when old excavations are considered

Sítio Arqueológico	CNS*	Concelho	Escavação (S/N)	Data dos Trabalhos	Responsável	¹⁴ C (Restos Humanos)	Nº do Mapa
Lapa 4 de Maio	21663	Sesimbra	Não	1999	NECA		1
Lapa do Bugio	2961	Sesimbra	Sim	1957-58; 1961-62; 1964; 1966	Rafael Monteiro; E. da Cunha Serrão; G. Zbyszewski Santos Júnior; A. Isidoro; O. Veiga Ferreira;	Sim	4
Lapa do Fumo	261	Sesimbra	Sim	1956-60; 1964-1970	E. da Cunha Serrão; Gustavo Marques; O. Veiga Ferreira	Sim	8
Pinheirinhos 1	14963	Sesimbra	Sim	2000	Maria do Rosário Fernandes		6
Grutas do Forte do Cavalo	367	Sesimbra	Não	1958	Eduardo da Cunha Serrão, Rafael Monteiro		9
Lapa da Furada-Lapa do Piolho	374	Sesimbra	Sim	1992; 1994	João Luís Cardoso	Sim	3
Lapa do Sapo-Lapa do Chão	6847	Sesimbra	Não	1995	NECA		7
Lapa do Sono	32045	Sesimbra	Sim	2013	Leonor Rocha, Maria do Rosário Fernandes, Mariana Diniz, Pablo Arias	Sim	5
Lapa dos Corvos Marinhos		Sesimbra	Não	2007	CEAE-LPN		2

Tabela 1B. Listagem das grutas-necrópole neolíticas e calcolíticas da Península de Setúbal, localizadas no concelho de Sesimbra. *CNS – Código Nacional de Sítio

Table 1B. List of neolithic and chalcolithic cave necropolis in the Setúbal Peninsula, located in the municipality of Sesimbra.*CNS - National Site Code

3. História das Investigações

3.1. Século XIX

A segunda metade dos 1800's foi um dos períodos mais produtivos naquilo que toca à exploração de grutas naturais com ocupações funerárias do Neolítico e Calcolítico. Regista-se um número mínimo de 35 intervenções nestas necrópoles, a maioria das quais correspondendo a trabalhos de escavação liderados por investigadores associados à Comissão Geológica. O início destas explorações data da década de 1860's, afirmando-se cada vez mais até ao fim do século XIX. Geograficamente, abrangem distintas áreas deste território, destacando-se determinados contextos nas Cesaredas (Delgado, 1867), na Serra de Montejunto (Apolinário, 1897), na zona do Carvalhal de Aljubarrota (Natividade, 1903) e na região de Cascais (Gonçalves, 2008a; 2008b), mencionando apenas alguns dos contextos que ainda hoje constituem referências fundamentais no quadro arqueográfico da Estremadura e, inclusive, peninsular.

Os primeiros trabalhos com vista à recuperação e consequente interpretação dos depósitos funerários foram protagonizados por uma das figuras de proa da Comissão Geológica do Reino (1857-1868), Nery Delgado — que na altura era adjunto desta comissão, presidida por Pereira da Costa e Carlos Ribeiro (Carreira e Cardoso, 2002). A natureza dos trabalhos realizados na zona das Cesaredas é sobejamente conhecida, contudo, e considerando o objetivo desta exposição, justificam-se alguns, breves, comentários sobre estas campanhas muito significativas para o período em que se desenrolaram. A escavação da Casa da Moura (Óbidos) Malgasta e Cova da Moura (Peniche) e Lapa Furada (Lourinhã) resultaram num conjunto muito significativo de evidências passíveis de relacionar com as práticas funerárias do 4º e 3º milénios a. n. e. (mas não exclusivamente). E além destes quatro casos paradigmáticos da arqueologia da morte desta região, outros contextos funerários em gruta foram igualmente intervencionados, apesar de não terem sido descritos de forma sistemática (Delgado, 1867: 127).

A gruta da Casa da Moura é, sem dúvida um dos casos mais relevantes para aquilo que se pretende analisar, tendo sido recentemente valorizada a dimensão da metodologia científica utilizada na sua exploração (Cardoso, 2020a).

As primeiras recolhas datam de 1865 (Zilhão, 1997), essencialmente guiadas pelo objetivo de identificar e caracterizar o depósito plistocénico, tendo sido apenas a partir de 1879/1880, com a colaboração do coletor Miguel Pedroso, que foi dada igual importância ao «depósito superior» (Carvalho e Cardoso, 2011). Apesar da escassa presença efetiva de Nery Delgado na escavação, a definição e aplicação de um método de escavação numa necrópole em gruta que se revelou bastante complexa, granjearam-lhe o estatuto de «[...] pioneiro [...] no âmbito da Arqueologia oitocentista [...]» (Cardoso, 2020a: 229). Em concreto, o método de escavação consistiu na implantação de um sistema de referência sub-quadrangular, sensivelmente simétrico e ortogonal, com uma morfologia adaptada à própria geometria do espaço intervencionado e aliada à escavação sistemática por níveis artificiais, permitindo realizar uma distribuição tridimensional dos diversos achados. A escavação da Lapa Furada, com os mesmos intervenientes, deverá ter seguido a mesma metodologia, mas infelizmente não é possível distinguir as coleções desta estação e da Malgasta (Cardoso e Carreira, 1992).

Na senda destas campanhas paradigmáticas para o desenvolvimento da ciência arqueológica em Portugal, e ainda no mesmo âmbito regional (embora fora do Planalto das Cesaredas), destaca-se a ação de Nery Delgado na gruta da Furninha (Peniche) entre 1879/1880. Porém, parece claro que o potencial arqueológico desta gruta era largamente reconhecido, pelo menos desde a década de 60 daquele século (Cardoso e Carvalho, 2011). Foi, aliás, este conhecimento que motivou a realização desta intervenção a grande escala e que acabou por ganhar especial preponderância (Delgado, 1880) no âmbito da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas (CIAAP), cuja realização ocorreu precisamente em Setembro de 1880 na cidade de Lisboa.

Os trabalhos previamente realizados a esta importante reunião de ilustres figuras dedicadas à Arqueologia europeia foram igualmente realizados com

um certo rigor, à semelhança daquilo que se verificou na Casa da Moura — ainda que no caso da Furninha isso seja mais evidente no depósito plistocénico.

Também aqui as ocupações da gruta enquadráveis na Pré-História Recente foram identificadas no «depósito superior», com abundantes restos osteológicos e potência bastante variável, chegando a atingir uns impressionantes 7 metros (Delgado, 1884). No plano horizontal, a camada correspondente apresentava também uma expressão bastante significativa, tendo início a 4 metros atrás da entrada atual e prolongando-se até a uma das extremidades deste espaço, onde já contaria apenas com 1 metro de potência (figura 2). O depósito holocénico desta estação parece ter sido integralmente escavado, resultando, décadas a seguir a estes trabalhos, na sua notoriedade face ao contexto das primeiras sociedades agrícolas no Centro e Sul do atual território português (Guilaine e Ferreira, 1970; Diniz, 1994), dando o nome a um dos sub-patamares crono-culturais, mais evoluído, do Neolítico antigo regional. Contudo, o uso mais generalizado (e, aparentemente, intenso) deste espaço como necrópole sugere o seu enquadramento na etapa final do Neolítico, sendo coevo de outras grutas naturais da Estremadura (Cardoso e Carvalho, 2011).

Mais a Sul, mas no mesmo intervalo de tempo e com o mesmo objetivo já identificado, registam-se as intervenções organizadas por Carlos Ribeiro na área de Cascais, nas grutas de Porto Covo e do Poço Velho (Paço, 1941; Paço e Vaultier, 1943). A primeira, com dimensões mais modestas, foi escavada em cerca de um mês, entre Janeiro e Fevereiro de 1879. A segunda, com uma morfologia bem mais complexa e com um depósito funerário bastante mais extenso, foi intervencionada ao longo dos meses de Março, Abril e Maio do mesmo ano. O coletor residente da Comissão Geológica foi António Mendes, que, aliás, acabou por colaborar de forma exaustiva em outras grutas-necrópole da Estremadura, assumindo um papel preponderante neste contexto.

A consulta do arquivo documental referente a estes trabalhos, e mesmo que se admita o desaparecimento de alguns dos elementos, foi capaz de recuperar informações relevantes que merecem ser destacadas (Gonçalves, 2008a; 2008b). Desde logo,



Figura 2. Planta da gruta da Furninha, Peniche. A potência do interface do depósito funerário está destacada (Delgado, 1884)

Figure 2. Plan of gruta da Furninha, Peniche. The thickness of the funerary deposit is highlighted (Delgado, 1884)

a distinção laboral de duas figuras: coletores e trabalhadores. Os primeiros estão encarregues da direção dos trabalhos, embora a diversidade das tarefas que lhes são atribuídas seja bastante variável. Os segundos estão encarregues sobretudo de trabalhos indiferenciados, mas indispensáveis para a boa realização das escavações. Na realidade, e no que concerne o trabalho quotidiano da exploração de um contexto cársico, a linha que separaria estas duas figuras deveria ser bastante mais ténue do que aquilo que os documentos fazem crer. No que concerne o método de exploração arqueológica destas grutas, sobrevive uma parte do conjunto osteológico e do espólio votivo com informações de proveniência, nomeadamente no que concerne a dimensão espacial: setores no interior da necrópole (as «furnas»), a distância e a profundidade. Apesar de hoje conhecermos bem a complexidade de um contexto funerário em gruta, o facto de se encontrarem conscientes da importância destas ações é absolutamente elementar.

Ainda relativamente às intervenções da Comissão Geológica (com as várias designações — e consequentes reestruturações — que esta instituição

recebeu durante este período), contam-se a gruta das Alcobertas (Rio Maior), as grutas da Maceira/grutas Gémeas (Torres Vedras), as grutas de Olelas (Sintra), a gruta do Moinho da Moura (Oeiras) e a gruta da Ponte da Lage (Oeiras).

Considerando, desde logo, a dispersão geográfica destas cavidades, os trabalhos ficaram a cargo de diversos elementos e colaboradores: Carlos Ribeiro com as grutas de Olelas (Ribeiro, 1878; Nogueira, 1933), do Moinho da Moura (Ribeiro, 1878) e da Ponte da Lage (Zbyszewski *et alii*, 1957); Nery Delgado com as grutas da Maceira (Zbyszewski e Viana, 1949) — que aliás intervencionou imediatamente antes da Furninha; Manuel Roque com a gruta das Fontainhas (Cardoso, 2020b), ainda que sobre orientação de Nery Delgado; António Mendes com a gruta das Alcobertas (Santos *et alii*, 1971). O grau de conhecimento acerca dos rituais funerários que tiveram lugar nestes sepulcros pré-históricos é bastante distinto, sendo que apenas as Alcobertas foram recentemente revisitadas (Cardoso, 2020c) e contamos com o estudo antropológico da estação do Moinho da Moura (Cardoso *et alii*, 1991), associado

ao povoado calcolítico de Leceia. Sabemos, no entanto, que terá sido prestada especial atenção a determinados aspetos estratigráficos e contextuais destas estações arqueológicas.

Sabemos também que duas das grutas do Furadouro (I e II), no Cadaval, foram exploradas por Nery Delgado em 1880. Estas explorações resultaram num conjunto de material, cerâmico (J. L. Gonçalves, 1992), que atualmente se encontra depositado no Museu dos Serviços Geológicos. Até ao momento desconhecem-se os apontamentos relativamente a estes trabalhos. Já na década de 90 do mesmo século, as grutas nº III e IV do Furadouro foram intervencionadas por Maximiano Apolinário, na sequência da informação prestada por António Maria Garcia, professor primário local, a José Leite Vasconcelos, fundador e diretor do então Museu Etnográfico Português, atual Museu Nacional de Arqueologia (MNA). Foi este o ponto de partida para uma relação muito profícua e que resultou num número abundante de escavações em contextos de gruta. Todavia, é desta estação (podendo ser considerada como um único espaço funerário) que são provenientes as informações mais detalhadas. Este preparador do Museu descreve de forma rigorosa a identificação das camadas, a sua potência, orientação e sequência, com a implantação de cortes a uma profundidade que permitisse atingir a rocha-mãe (Apolinário, 1897).

Neste caso, a diferenciação das camadas parece responder a critérios essencialmente naturais e da composição dos estratos. Se na designada gruta III o depósito arqueológico correspondia apenas à primeira camada, na gruta IV a dispersão dos restos humanos e algum espólio votivo por pelo menos três camadas levou o autor a determinar aquilo que hoje conhecemos como alterações pós-deposicionais e que constituem uma realidade comum em cavidades cárnicas (Apolinário, 1897: 93). Por outro lado, o facto de as ocupações funerárias neolíticas e calcolíticas se encontrarem sobretudo nesta primeira camada veio marcar de forma indelével o panorama destes sítios arqueológicos, dando origem ao caos de ossos e mobiliário votivo que durante tanto tempo dominou o discurso arqueológico — e que ainda hoje é um obstáculo.

Finalmente, registam-se os extensos trabalhos realizados na bordadura ocidental do MCE, mais concretamente na região de Alcobaça. A primeira referência de trabalhos efetuados em grutas desta área faz menção às pesquisas de Possidónio da Silva em 1869 (Ribeiro, 1908), reportando-se às então designadas grutas da Casa da Moura do Cabeço de Turquel. Carlos Ribeiro surge uma vez mais referido neste contexto, tendo intervencionado a gruta do Carvalhal de Turquel em 1881 (Natividade, 1903). É, contudo, a intensa atividade de Vieira da Natividade nos últimos 15 anos do século XIX que permitiu a exploração e reconhecimento científico deste amplo espaço funerário natural, sendo mencionadas na sua obra de referência um conjunto notório de 22 grutas-necrópole, que atualmente se encontra em revisão (Delicado *et alii*, 2023). Desconhece-se, aparentemente, o caráter das suas intervenções. Todavia, a leitura das publicações que realizou demonstra uma clara preocupação com a paciência necessária para a escavação de depósitos desta natureza. A própria relação com os membros da Comissão Geológica, ainda não totalmente compreendida, parece ser um dado adquirido, na justa medida em que as suas intervenções pareciam seguir alguns dos cânones implementados pelos ilustres daquela instituição — como é o caso da produção de cortes.

3.2. 1900-1950

O início do século XX é marcado por uma certa desaceleração, pelo menos no que toca ao número de contextos intervencionados — sendo notória a ausência de continuidade da Comissão Geológica neste tipo de contextos, muito devido ao falecimento das principais figuras daquela instituição. Assistimos, inversamente, a um incremento das ações promovidas por José Leite Vasconcelos que irá concentrar no seu Museu um importante acervo que ainda hoje constitui uma referência para o universo das grutas-necrópole da Estremadura. Contam-se outros trabalhos de nota, protagonizados por figuras de proa da historiografia arqueológica portuguesa, mas que assumem um caráter muito mais pontual. Do ponto de vista geográfico, a distribuição espacial é, uma vez mais, bastante variável. Presta-se atenção, pela primeira

vez, aos contextos funerários na área de influência do MCE e da Península de Setúbal, enquanto se dá continuidade à investigação na zona das Cesaredas e também ao território da Baixa Estremadura.

Os trabalhos de Marques da Costa na Lapa da Rotura durante o início do século vêm inaugurar o ciclo de trabalhos em grutas-necrópole na área da Estremadura a Sul do Tejo (Marques da Costa, 1903). Apesar de o enchimento da pequena cavidade não ser inequívoco (mesmo considerando o carácter de emergência em que foi escavada, no âmbito da exploração de pedra), a presença de um fragmento de crânio e as características genéricas dos materiais exumados parecem confirmar o carácter funerário desta gruta, em associação crono-cultural direta com o contexto doméstico que lhe é contíguo.

Também no começo deste período, registam-se as ações da Sociedade Arqueológica Santos Rocha em diversas grutas do Vale do Rôto, no Bombarral, das quais apenas a Lapa do Suão terá providenciado elementos inequívocos coincidentes com a sua utilização funerária neo-calcolítica (Rocha, 1907a). Na realidade, as primeiras recolhas realizadas neste sepulcro terão sido protagonizadas por Carlos Ribeiro duas décadas antes, provavelmente no âmbito do conjunto de explorações para a IX Sessão do CIAAP — o que veio a ser confirmado no depósito arqueológico do atual Museu Geológico, com artefactos correlacionados com as grutas da Columbeira (Cardoso, 2012). Assim, entre 1903 e 1904, e pela mão da instituição da Figueira da Foz, realizaram-se duas campanhas dirigidas por Vicente Rocha e Artur Salles Henriques. Ainda que de forma bastante incipiente, foram tidos em conta aspetos que se podem relacionar com a tafonomia e alterações pós-deposicionais da estação. Definiu-se, também, que o espólio recolhido era demonstrativo dos vários momentos de utilização que a cavidade conheceu, porventura nem todos com a mesma funcionalidade (e não diferenciados estratigraficamente).

Foi também neste âmbito cronológico, e aparentemente com objetivos semelhantes, que o mesmo Santos Rocha visita e caracteriza sumariamente a então designada Caverna da Fórnea — atualmente Lapa da Mouração (Rocha, 1907b). Também este sepulcro estaria bastante remexido, contando com uma

ocupação de época romana cuja extensão e impacto na necrópole neolítica é difícil de medir no atual estado dos conhecimentos.

Pouco se conhece acerca das campanhas realizadas na designada gruta da Amoreira ou gruta da Quinta do Furadouro, em Óbidos. A primeira intervenção foi realizada por um dos colaboradores do Museu Etnológico, Bernardo de Sá, em 1906 — aparentemente na sequência dos trabalhos realizados entre 1903 e 1905 no povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede, no Bombarral (Vasconcelos, 1915: 329). Alguns dos elementos recolhidos confirmam a presença de um contexto funerário, enquanto outros apresentam características que sugerem uma funcionalidade claramente utilitária, compatíveis com outro tipo de realidades. Porém, a consulta do arquivo do legado de José Leite Vasconcelos no MNA permitiu aferir que uma segunda campanha de trabalhos de campo teve lugar em Novembro de 1919, tendo sido dirigida por Manuel Heleno (Machado, 1964: 69) previamente ao cargo que ocupou como Diretor do Museu Nacional de Arqueologia, sendo na altura professor no Liceu Camões. Com base no relatório preliminar, apenas numa semana atingiu-se uma profundidade de 6 m a partir de uma entrada bastante estreita e que o mesmo pensou tratar-se do teto da gruta. O objetivo fundamental destes trabalhos era atingir o fundo da sequência estratigráfica e avaliar o seu potencial arqueológico (essencialmente a obtenção de peças singulares relacionadas com o mundo funerário pré-histórico).

Note-se ainda que a análise extensiva da documentação que se reporta às grutas-necrópole, permitiu inclusive detetar que parte dos elementos atribuídos à gruta da Amoreira/gruta da Quinta do Furadouro, estavam integrados num processo distinto, mais concretamente no das grutas do Furadouro, no Cadaval, que mencionámos anteriormente.

Este é um lapso que terá a sua origem na coincidência parcial dos topónimos destes dois sepulcros, algo que é bastante comum na arqueografia portuguesa e particularmente evidente no conjunto de monumentos megalíticos do Sul do atual território português.

As grutas dos Carrascos e da Galinha, em Alcanena, constituem, para esta fase, os sepulcros

escavados com maior relevância. Foram intervenções sequencialmente entre 1908 e 1909, durante cerca de um ano (Pereira, 1908). A direção dos trabalhos ficou a cargo de Félix Alves Pereira, oficial conservador do Museu Etnológico Português, e o colaborador José de Almeida Carvalhais, este último presente diariamente no decorrer das escavações. No caso da Lapa da Galinha, a exploração contou ainda com a presença de Guilherme Gameiro, que importa ressaltar considerando as suas funções enquanto desenhador, como se veio a verificar através da leitura das cartas de Félix Alves Pereira para José Leite Vasconcelos (van Calker, 2020).

O relatório de Almeida Carvalhais relativo à gruta dos Carrascos (Gonçalves e Pereira, 1977) constituirá o documento mais útil no âmbito da reconstituição deste sepulcro pré-histórico. É, simultaneamente, ilustrativo das dificuldades sentidas pelo seu escavador e também das soluções encontradas para a implementação de um método. Apesar da estreita abertura da entrada da gruta e do declive que se seguia, a importância da crivagem das terras era de tal forma, que se construiu um sistema que permitia a otimização da extração dos sedimentos escavados. As camadas terão sido claramente diferenciadas e numeradas (de forma inversa ao que se convencionou nos dias de hoje), tendo sido supostamente identificados dois níveis correspondentes à utilização funerária daquela cavidade, inclusive com diferenças subtis ao nível do espólio que lhes estaria associado — ainda que seja muito difícil perceber o contexto do tal primeiro estrato (Carvalho, 2008). O primeiro parcialmente revolvido pela descoberta acidental da gruta e o segundo aparentemente preservado por baixo de um fino manto de calcário. Se excluirmos a interpretação que se seguiu, o escavador foi inclusive capaz de diferenciar uma última camada em que não se recolheram restos humanos, mas sim restos faunísticos e fragmentos de carvões, possivelmente de época pleistocénica. Refere-se ainda a existência de um documento gráfico, com planta e cortes, cujo paradeiro se desconhece.

Infelizmente, não se tem conhecimento de um documento tão detalhado para a Lapa da Galinha, o que não implica a sua inexistência. Essa é também uma questão inerente aos arquivos das escavações

antigas: raramente correspondem à totalidade daquilo que foi produzido e, por necessidade, tendemos a valorizar aquilo que sobrevive ou a que temos acesso. A natureza dispersa e fragmentária destes arquivos, e até mesmo a incúria, são fatores determinantes para a realidade chega até nós. Veja-se, a propósito desta gruta-necrópole, onde se procedeu ao registo gráfico dos contextos arqueológicos: ainda que se tenha procurado incessantemente, não foi possível localizar a posição de tal documento, apesar deste ter sido visto por Victor S. Gonçalves aquando da revisão dos materiais arqueológicos nos anos 70 do século xx (Gonçalves *et alii*, 2014: 109).

No entanto, muito há que dizer acerca dos trabalhos que decorreram na Lapa da Galinha. Seja pela utilização da fotografia que ilustra a qualidade dos mesmos (Fabião, 2011), seja pela peça realizada num importante periódico da época (Torres, 1909) ou até mesmo pela análise da correspondência já mencionada, entre os grandes impulsionadores da campanha. De forma sintética, e mesmo sendo uma gruta bastante maior que a dos Carrascos, a metodologia aplicada foi similar, ainda que com um número bastante superior de trabalhadores (figura 3), tanto homens como mulheres. Registam-se as camadas e a profundidade dos achados (ainda que não de forma totalmente sistemática). A crivagem dos sedimentos é realizada com recurso a diferentes malhas, de forma a não perder os elementos de menor dimensão — o que se veio a confirmar aquando da análise do conjunto votivo (van Calker, 2020). A verdadeira novidade tem mais que ver com a emergência do termo «sepultura» naquele que se considera um depósito funerário coletivo. A complexidade dos contextos funerários em gruta, convertida numa amálgama de várias partes do esqueleto, e ainda mais sem os princípios definidos pela arqueotanatologia, coloca em evidência a subjetividade de tal exercício, que, todavia, deve ser valorizado pelo menos por causa das valências de indicação espacial e potencial de associação.

Os anos 30 do século xx revelaram-se particularmente profícuos no que toca à escavação de grutas-necrópole na área de Torres Vedras: sabemos com certeza que em 1931 é escavado o Abrigo da Carrasca por Ricardo Belo (Diretor do Museu



Figura 3. Aspeto exterior dos trabalhos realizados na Lapa da Galinha, Alcanena (Referência Arquivo MNA: PT/MNA/FAP/FOT/Cx.4/Env.12 © MMP, EPE/MNA)

Figure 3. Archaeological works conducted in Lapa da Galinha, Alcanena (MNA archive reference: PT/MNA/FAP/FOT/Cx.4/Env.12 © MMP, EPE/MNA)

de Torres Vedras) e em 1932 é escavada a Cova da Moura por Leonel Trindade (Diretor-adjunto do Museu de Torres Vedras) e Ricardo Belo; embora se desconheça a data exata dos trabalhos realizados nas grutas I e II da Portucheira, igualmente protagonizados por aquelas duas figuras já mencionadas, é provável que a intervenção daqueles contextos tenha ocorrido durante esta década.

Relativamente ao Abrigo da Carrasca, o seu escavador acabou por não deixar qualquer referência a este contexto funerário. A informação de que dispomos, é, nesse sentido, produzida *a posteriori*, o que levanta algumas questões. O material arqueológico e osteológico foi estudado por Spindler e Gally (1973). Com base no conjunto a que tiveram acesso determinaram que a escavação foi realizada segundo critérios seletivos, resultando no descarte de vários registos — nomeadamente as partes anatómicas de menor dimensão e material arqueológico inclassificável (curiosamente, os próprios autores negligenciam os fragmentos ósseos mais pequenos — Silva, 2012). A propósito da revisão do conjunto

material depositado no Museu Municipal Leonel Trindade e, sobretudo, da relocalização do sítio, foi possível confirmar a tal seletividade, tendo sido identificados vários fragmentos de restos humanos e material arqueológico na vertente acentuada que se localiza mesmo em frente deste sítio.

A exploração da Cova da Moura parece ser paradigmática no sentido daquilo que seria uma escavação em gruta naquele período, pelo menos com apoios locais. Constrangidos pelo financiamento e não pretendendo deixar o depósito arqueológico inacabado, os trabalhos estenderam-se apenas por um mês, tendo atingido uma potência de 4 m (Belo *et alii*, 1961). Estratigraficamente, a única distinção identificada diferenciava uma camada superficial, com materiais da Idade do Bronze e posteriores. Não sabemos qual o verdadeiro impacto das chamadas tocas de coelho que seriam bem visíveis à superfície. O grosso do depósito arqueológico da gruta reportava-se à sua utilização como sepulcro, representado apenas por um estrato abundante (e profundo) em restos osteológicos e espólio de acompanhamento.

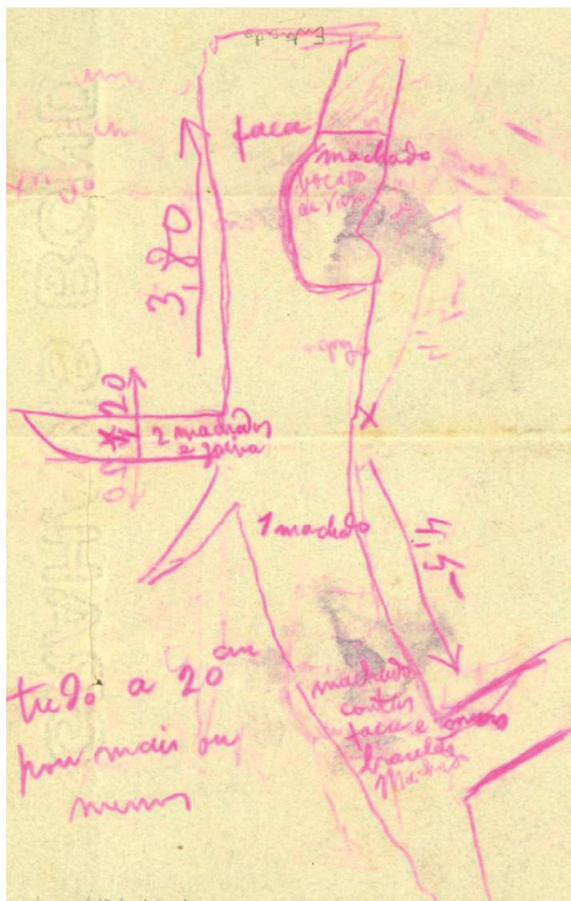


Figura 4. Croquis da gruta 1 da Senhora da Luz, Rio Maior, realizado por Manuel Pedro Madeira. É evidente o seu carácter simplificado, registando sumariamente a posição e altimetria de algum do espólio que se recolheu durante a escavação deste contexto. Referência Arquivo de Manuel Heleno: PT/MNA/APMH/2/9/30

Figure 4. Sketch of Senhora da Luz 1 cave, Rio Maior, made by Manuel Pedro Madeira. Its simplified nature is clear, registering the horizontal and vertical positioning of some of the artifacts that were recovered during the excavation. Reference Manuel Heleno Archive: PT/MNA/APMH/2/9/30

Neste caso, a escavação e recolha de elementos arqueológicos não parece ter obedecido a critérios de seleção, ainda que se tenham verificado dificuldades na crivagem dos sedimentos que terão resultado inevitavelmente na perda de determinados registos.

É também neste período que Leonel Trindade se dedica à escavação de um pequeno conjunto de cavidades na zona do Cadaval, entre as quais o Curral das Cabras Gafas, a Fórnea e o Furadouro da Rochaforte (J. L. Gonçalves, 1992). Veio, de certa forma, encerrar o ciclo nas investigações sistemáticas realizadas neste importante núcleo de grutas-necrópole, com a exceção da gruta de Salvé-Rainha. Desconhecem-se grande parte dos pormenores das

condições destas jazidas e quais os seus contextos, mesmo que aproximados. A título de exemplo, o depósito funerário do Furadouro da Rochaforte parece ter sido intervencionado no exterior da gruta propriamente dita, sem que se tenha qualquer informação adicional (Pereira, 1977). Estes e outros sítios, inclusive de outras tipologias e cronologias, fazem parte da chamada «Coleção Leonel Trindade» atualmente depositada no MNA, que foi adquirida por Manuel Heleno ao próprio coletor em 1940, ainda que a mudança dos vários materiais só se tenha processado em 1941 (Cadernos Manuel Heleno, APMH 2/1/31/3, 1940-41).

Mais a Norte, as grutas da Senhora da Luz, em Rio Maior, eram escavadas por Manuel Heleno entre Setembro de 1935 e o fim de 1936 (Cardoso *et alii*, 1996). Mesmo antes do início dos trabalhos, o então diretor do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, faz-se acompanhar por Hugo Obermaier, figura marcante da Pré-História na época (*cf.* ofício do conservador do MNA, Luís Chaves, de 24 de Março de 1934).

Apesar de os resultados de tão extensas escavações não terem sido publicados, os cadernos de campo do seu promotor são elucidativos em relação às descobertas que aí se fizeram (Cadernos Manuel Heleno, APMH 2/1/17/1-4, 1935 e 1936). Na gruta I, a camada correspondente à utilização funerária da cavidade tinha apenas 20 cm de potência, encontrando-se à superfície (figura 4). De dimensões mais modestas, o depósito foi intervencionado em pouco mais de três semanas, o que contrasta com o tamanho muito significativo da gruta II, escavada por cerca de um ano — ainda que de forma descontínua. O escavador faz uma planta sumária de ambos os espaços funerários e apresenta uma relação, por vezes confusa, com o inventário geral do espólio votivo. Para a gruta II, as notações são muito mais abundantes, demonstrando que se definiu uma estratigrafia relativamente similar e simples para os vários espaços artificiais criados para distinguir espacialmente as evidências escavadas (designadas por «salas»). O depósito parece ter sido integralmente crivado (figura 5).

Em torno do mesmo período e na mesma região, Manuel Heleno procedeu a um novo conjunto de



Figura 5. Aspetto exterior dos trabalhos realizados na necrópole da Senhora da Luz, Rio Maior (Referência Arquivo MNA: PT/MNA/AF/PB-III-681 © MMP, EPE/MNA)

Figure 5. Archaeological works conducted in the necropolis of Senhora da Luz, Rio Maior (MNA archive reference: PT/MNA/AF/PB-III-681 © MMP, EPE/MNA)

escavações na Buraca da Moura, na senda do conjunto de intervenções efetuadas na zona das Bocas (Strauss *et alii*, 1988).

Seguindo o curso do Arrife ainda mais para Norte, em 1937 dá-se a descoberta e início dos trabalhos na Galeria da Cisterna, então designada gruta da Nascente do Almonda, em Torres Novas. A equipa que até 1942 aí fez recolhas de superfície e trabalhos de escavação bastante localizados era constituída por Afonso do Paço, Maxime Vaultier, Georges Zbyszewski, Eugénio Jalhay e Melo Nogueira (Paço *et alii*, 1947). As escavações posteriores de 1988-89 (Zilhão *et alii*, 1991) de facto vieram a confirmar o carácter circunscrito daquela exploração antiga (ainda que se admita que as recolhas de superfície tivessem uma extensão significativamente maior).

E é precisamente no decorrer da escavação desta última gruta que, em 1940, Afonso do Paço, Zbyszewski e restantes colaboradores obtêm conhecimento da existência de uma outra gruta-necrópole muito próxima, a Lapa da Bugalheira (Paço *et alii*, 1941). A estratégia da escavação que decorreu no ano seguinte passou pela implantação de trincheiras/valas que atravessassem o eixo mais comprido da sala que foi intervencionada. Para além do «entulho» que foi necessário retirar, foi levantada uma camada que continha vestígios materiais da Pré-História Recente, mas também de diversas épocas posteriores, o que foi interpretado pelos escavadores como a indicação do revolvimento que afetou a necrópole pré-histórica (Paço *et alii*, 1971). O nível funerário, com restos osteológicos humanos abundantes e fragmentados, estaria diretamente subjacente a esta

camada. Pela terminologia utilizada parece que esta camada terá sido escavada com cuidado redobrado, contrastando com a rápida remoção de tudo o que se encontrava por cima. A intervenção terá cessado aquando do aparecimento de «[...] grandes blocos de desprendimento das paredes da gruta [...]» correspondendo «[...] ao que A. Paço e colaboradores designaram por “chão da gruta” [...]» (Rodrigues *et alii*, 2020: 824).

3.3. 1950-1970

Os anos 50 vieram trazer uma certa vitalidade às grutas-necrópole da Baixa Estremadura, contrariando a tendência que até então se fazia sentir. Entre os sepulcros intervencionados, contam-se: a gruta da Pedra Furada, Vila Franca de Xira, por Hipólito Cabaço em 1955 (Silva *et alii*, 2014); a gruta de Salvé-Rainha, Cadaval, por Leonel Ribeiro em 1956 (Pereira, 1977); a gruta da Ponte da Laje, Oeiras, por Octávio da Veiga Ferreira em 1958 (Vaultier *et alii*, 1959); o Fojo dos Morcegos, Sintra, por Camarate França e Gustavo Marques em 1958 (Marques, 1971); a gruta de Salemas, Loures, por Albuquerque e Castro, Octávio da Veiga Ferreira e Camarate França em 1959-60 (Castro e Ferreira, 1972).

De todas, a única que havia conhecido escavações anteriores foi a gruta da Ponte da Laje, ainda no século XIX. Esta segunda, e não última, intervenção foi planeada com o intuito de aferir se restavam ainda na cavidade remanescentes dos depósitos plistocénicos identificados inicialmente por Carlos Ribeiro (Cardoso, 2014) — o que não se verificou. Invés, foi intervencionada, na zona da entrada, uma sepultura de carácter individual, datada do Calcolítico, que se destaca claramente pela sua singularidade face ao universo de coletivização da morte que se conhecia, e conhece, no contexto das grutas-necrópole da Estremadura.

Este é um período marcado essencialmente pela continuidade dos métodos e estratégias já desenvolvidos anteriormente, de que o Fojo dos Morcegos parece ser particularmente ilustrativo, no sentido em que foram feitas recolhas de superfície em toda a extensão da gruta e seleccionadas duas áreas de escavação que evidenciavam o maior potencial para o

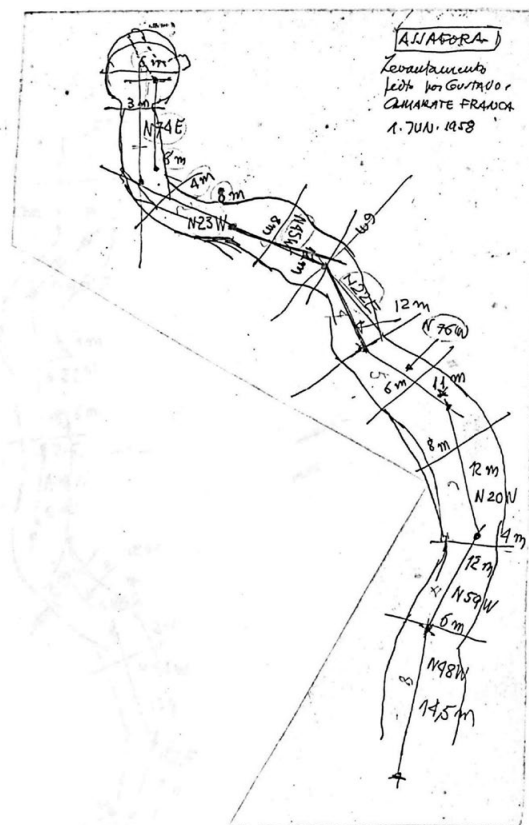


Figura 6. Excerto do levantamento da planta do Fojo dos Morcegos, Sintra, realizado por Gustavo Marques e Camarate França, sendo notória a natureza expedita da tarefa. Fonte: Arquivo histórico de Gustavo Marques, depositado no Museu Nacional de Arqueologia

Figure 6. Extract from the survey plan of Fojo dos Morcegos, Sintra, carried out by Gustavo Marques and Camarate França. The expeditious nature of the work is very noticeable. Source: Gustavo Marques Historical Archive, deposited at the National Museum of Archaeology

reconhecimento de uma estratigrafia e, claro, para a recolha de materiais (Marques, 1971). A escavação foi dividida num conjunto de valas com 0,50 m de lado e levantada de forma individual, perdendo assim uma visão do plano. A estratigrafia foi apenas definida numa segunda campanha realizada na década seguinte. As camadas, apenas parcialmente conservadas, terão sido relativamente fáceis de distinguir e colocaram em evidência a influência que os processos tafonómicos têm sobre a integridade dos depósitos arqueológicos no interior de uma gruta natural. A figura 6, é bem ilustrativa do primeiro esboço de levantamento da planta da gruta.

A mesma realidade parece manter-se durante os anos 60 — se bem que se atinge uma outra dimensão espacial, muito mais dispersa. Para além dos

casos já mencionados da gruta das Salemas e do Fojo dos Morcegos, destacam-se as intervenções na Lapa da Modeira, Torres Novas, por Gil Migueis de Andrade, e na Lapa da Mouração, Porto de Mós, por Manuel Farinha dos Santos em 1969 (Araújo e Zilhão, 1991), na gruta das Salamandras, Loures, por Carl Harpsøe em 1963 (Harpsøe e Ramos, 1987), e o regresso ao importante depósito funerário da Lapa do Suão, Bombarral, desde 1963 e até 1968, protagonizado por um conjunto de interessados residentes naquela localidade, auxiliados por Octávio da Veiga Ferreira (Furtado *et alii*, 1969).

Estas intervenções assumiram um carácter parcelar, quase diagnóstico/de aferição do potencial arqueológico, como foi o caso da vala implantada ao longo de uma das paredes da Lapa da Modeira, ou a pequena área escavada na Lapa da Mouração. Esta última campanha foi realizada com o auxílio de jovens da Mocidade Portuguesa, conferindo aos trabalhos um verdadeiro peso institucional e um pouco *sui generis* no contexto que aqui se discute. Já na Lapa do Suão, se bem que ligeiramente mais tardio, temos acesso a um documento muito mais detalhado e que parece refletir um conjunto de práticas que pretende contextualizar os achados das grutas-necrópole, mais do que acumulá-los (Cortes *et alii*, 1977). O levantamento gráfico prévio às escavações e a implantação de um corte transversal ao corredor principal da cavidade são indicadores desse esforço. Contudo, e muito à semelhança do que outros arqueólogos tinham já verificado noutras necrópoles, a execução de um corte longitudinal, partindo do anterior e que terá atingido o chão da gruta, veio confirmar a inexistência de uma estratigrafia, encontrando-se o depósito funerário neo-calcolítico numa única camada de espessura variável com restos humanos e espólio de acompanhamento misturados.

Ainda durante esta fase, verifica-se um incremento nas intervenções das grutas-necrópole na Serra da Arrábida. Em concreto, nos contextos que até hoje constituem referências para o estudo destas realidades: a Lapa do Fumo e a Lapa do Bugio, ambas situadas em Sesimbra. O nome de Eduardo da Cunha Serrão é indissociável da dinâmica que atingiu mais tardiamente esta área, tendo sido responsável pelo início das escavações em ambas as

necrópoles. Já numa segunda fase, mais ou menos contínua, os trabalhos foram também garantidos por Rafael Monteiro e Octávio da Veiga Ferreira, no Bugio, e Gustavo Marques, na Lapa do Fumo. Aos detalhes da exploração da Lapa do Bugio foi presta-da especial atenção, tendo sido marcadas duas sondagens de dimensões distintas em que se realizou a «[...] obtenção de dados sobre a posição, em superfície e profundidade, de todas as peças de interesse [...]» com recurso a uma quadrícula (Monteiro e Serrão, 1959). O mesmo se revelou verdade para a Lapa do Fumo (Serrão e Marques, 1971), mantendo esta coerência no chamado «método dos quadrados» e registo da estratigrafia. Contudo, em recente apreciação da chamada «camada vermelha» na Lapa do Fumo, assinalou-se que o carácter não-profissional e manifestamente voluntário das equipas acabou por provocar metodologias de registo muito distintas e difíceis de associar, criando um quadro no mínimo complexo (Cardoso, 2021). Apesar de todas as dificuldades, agravadas pelos constantes remeximentos que se documentaram nestas grutas, há uma nítida preocupação em garantir a recuperação dos contextos após a escavação dos mesmos.

3.4. 1970-2000

Os últimos 30 anos do século xx vieram dar início a um novo ciclo, muito mais aproximado das da Arqueologia e da investigação praticadas internacionalmente. Regista-se um incremento substancial do número de intervenções em grutas-necrópole. Multiplicam-se os atores e instituições responsáveis pela direção dos trabalhos, que ocorrem sobretudo na região da Alta Estremadura, mas também em associação aos principais acidentes geográficos desta região do Ocidente da Península Ibérica. São produzidos relatórios de uma forma sistemática, com informações mais ou menos detalhadas acerca das condições das jazidas e dos contextos intervencionados, constituindo importantes acervos documentais e materiais. A qualidade das publicações, algumas das quais monográficas, sofre também um impacto muito positivo, ultrapassando muitos dos títulos anteriores que se focavam essencialmente na listagem dos materiais recolhidos.

É claro que esta é uma visão de panorama. Se continuarmos com uma abordagem por décadas veremos que este é um processo bastante mais gradual do que se faz entender à primeira vista. Os anos 70 deram a conhecer à realidade arqueográfica portuguesa algumas das grutas-necrópole neolíticas e calcolíticas mais relevantes para a investigação referente às práticas funerárias destas comunidades. Marcam as importantes escavações da gruta da Marmota, Alcanena, por Victor Gonçalves em 1973-74 (Gonçalves, 1973), da Serra da Roura, Bombarral, pelo já mencionado grupo local de arqueólogos amadores em 1971 (Silva, 2005), do Lugar do Canto, Alcanede, em 1975-76 (Leitão *et alii*, 1987), da Verdelha dos Ruivos, Vila Franca de Xira, em 1973-74 (Leitão *et alii*, 1984), e do Correio-Mor, Loures, em 1974 (Cardoso, 2003). Estas últimas três grutas foram intervencionadas por uma equipa dos Serviços Geológicos de Portugal, constituída por José Norton, Georges Zbyszewski, Octávio da Veiga Ferreira, C. T. North e Manuel Leitão. Registam ainda, mesmo no virar da década, a primeira sondagem realizada na gruta do Caldeirão, Tomar (Zilhão, 1992), que a partir de 1982 é intensamente escavada por uma equipa dirigida por João Zilhão.

É, nesse sentido, uma fase de transição para o grande ímpeto que se irá fazer sentir a partir dos anos 80. Assistimos, por um lado, à continuidade da atividade arqueológica ao nível local e, por outro, à derradeira fase de ação dos Serviços Geológicos de Portugal, herdeira da Comissão Geológica que dominou este cenário durante a segunda metade do século XIX. Ademais, é inaugurado um novo ciclo de investigações, que dura aliás até aos dias de hoje, tanto nas cavidades na zona de influência do Arrife — que apenas tinham sido parcialmente valorizadas — como nas cavidades do Vale do Rio Nabão.

Seria fastidioso descrever de forma exaustiva as estratégias implementadas por estas equipas, pelo que se opta antes por destacar alguns aspetos de maior relevância, como é o caso da descrição da estratigrafia e distintas fases de ocupação da gruta do Correio-Mor (Zbyszewski *et alii*, 1987), mesmo que de certa forma indefinidas (Cardoso, 2003: 230), ou a logística e reflexão que um contexto como a Verdelha dos Ruivos exigiu dos seus escavadores, que adaptaram a ideia inicial, de escavar a partir de um andaime encostado

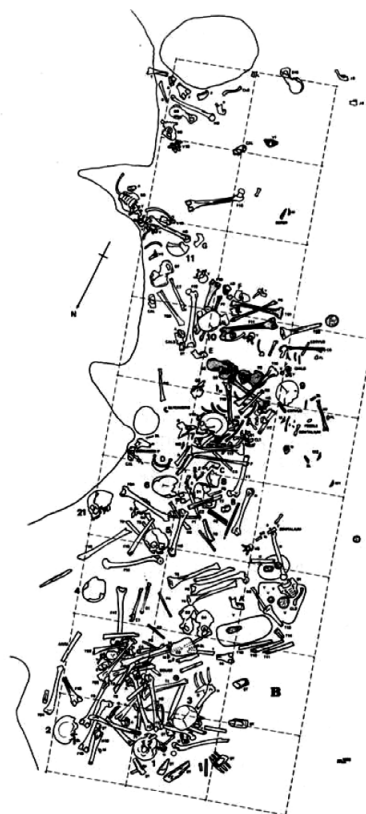


Figura 7. Planta do sector B da gruta do Lugar do Canto, Santarém. Constitui o resultado de pressupostos metodológicos postos em prática durante a escavação do depósito funerário. Adaptado de Leitão *et alii*, 1987

Figure 7. Plan of Sector B in the Lugar do Canto cave, Santarém. It constitutes the result of methodological criteria put in to practice during the excavation of the burial deposit. Adapted from Leitão *et al.*, 1987

à frente de pedreira, e cortaram um rebordo diretamente na face da parede que permitisse atacar o depósito funerário verticalmente (Leitão *et alii*, 1984: 222). São pensadas as melhores soluções que se adaptam às diversas contingências dos contextos arqueológicos.

O caso do Lugar do Canto é, contudo, aquele que no contexto dos métodos empregues na escavação de grutas-necrópole nos permite considerar certos aspetos relevantes: descrição rigorosa das características morfológicas da cavidade; identificação clara em planta das sondagens realizadas; retirada de elementos osteológicos que se encontravam à superfície — e, portanto, vulneráveis ao pisoteio de indivíduos estranhos à equipa de escavação; diferenciação espacial dos achados arqueológicos e osteológicos, inclusive sob a forma de registo gráfico (Leitão *et alii*, 1987: 42). É implantada e registada uma quadrícula 1 x 1 m (figura 7), a escavação é cuidada e, uma vez

mais, adaptam o método à realidade que vão desdobrando — trabalho em posição deitada imposta pelo estreitamento entre o chão e o teto ou a acumulação de pequenos montes de terra escavada em direção inversa à frente do avanço da sondagem, impedindo o deslize das terras através da construção de pequenos muros de contenção — apelidado de «back-fill».

Esta mesma capacidade de adaptação metodológica verificou-se nos trabalhos da gruta da Marmota (Gonçalves, 1974), igualmente com a aplicação de níveis artificiais de 10 cm após a remoção da camada superficial que continha vestígios materiais de tipologias e cronologias bastante diversificadas.

As últimas duas décadas do século xx destacam-se claramente pela identificação vertiginosa de novas grutas-necrópole. Para tal muito contribuiu o desenvolvimento de projetos de investigação micro-regionais no território da Estremadura, mas também a simbiose entre grupos organizados de espeleologia e arqueólogos e, até, os trabalhos efetuados no âmbito da minimização de impactos. Com efeito, e apesar de nem todas as necrópoles terem sido alvo de intervenções, nestes 20 anos foram reconhecidos 32 sepulcros deste tipo, essencialmente distribuídos pela Alta Estremadura, na zona de Tomar e Torres Novas, mas também em Porto de Mós e Alcobaça (*cf.* o caso da Cova das Lapas — Gonçalves, 1989).

No contexto desta área mais a Norte do território que se discute neste trabalho, a gruta do Caldeirão constitui um dos casos mais descritivos relativamente à metodologia de escavação, tendo sido intervenção entre 1979 e 1988 (figura 8) — e a que se deu continuidade desde 2021. Importa realçar algo que se tem referido: «[...] as metodologias usadas variaram em função dos problemas que se foram sucessivamente colocando» (Zilhão, 1992: 19). Numa primeira fase, quase de diagnóstico, procedeu-se ao levantamento topográfico da cavidade, implantação de quadrícula e definição de um plano zero para as coordenadas verticais. A escavação propriamente dita consistiu no levantamento de camadas artificiais de 10 cm, coordenação tridimensional dos achados (que depois se veio a abandonar considerando a homogeneidade da primeira camada) e crivagem a seco dos sedimentos removidos. Mais tarde, e uma vez

colocados a descoberto os níveis neolíticos, procedeu-se à escavação em área realizada com os mesmos níveis artificiais (registados individualmente na base), mas agora aplicados dentro das camadas naturais. Foi ainda realizada a crivagem a água com uma malha de 0,8 mm, numa instalação colocada à entrada da gruta. Porém, as dificuldades de abastecimento de água vieram condicionar esta ação, que posteriormente passou a assumir um caráter necessariamente parcelar dentro de cada quadrado, não se tendo, contudo, abandonado a crivagem a seco.

Ainda nesta ampla paisagem carsificada do Vale do Nabão destacam-se as extensas campanhas dos anos 80 realizadas nas grutas-necrópole do Cadaval (Oosterbeek, 1985), dos Ossos (Oosterbeek, 1993a), de Nossa Senhora das Lapas (Oosterbeek, 1993b) e do Morgado Superior (Cruz *et alii*, 2013), dirigidos por Luiz Oosterbeek e Ana Cruz, do Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar. As escavações e os esforços encetados foram desenvolvidos com recurso a métodos coerentes e consistentes, que passaram pela definição de um ponto o para a obtenção de coordenadas verticais, a implantação de quadrículas com 1 m de lado e a decapagem de camadas artificiais com o máximo de 5 cm de espessura dentro das diferentes camadas sedimentares identificadas — pelo menos no que toca aos depósitos neolíticos. A crivagem dos sedimentos foi parcialmente realizada com recurso a água e inteiramente a seco, sobretudo com malhas de 0,5 mm. Para além da coordenação tridimensional dos achados, optou-se por registar a sua orientação e inclinação.

Todavia, todos estes trabalhos surgem na sequência do reconhecimento do potencial arqueológico desta área, realizado a partir do final da década de 70 pelo núcleo de espeleologia do Centro de Estudos e Proteção do Património da Região de Tomar (CEPPRT), por vezes em colaboração com o Grupo de Estudos do Paleolítico Português (GEPP), que para além de terem identificado a gruta do Cadaval e a gruta dos Ossos, procederam a trabalhos de prospeção em sítios como a Buraca das Andorinhas, o Buraco do Velho, as grutas de Vale Freixo 1 e 2 ou a gruta da Pedreira do Sobral (Batata, 1997). Pelo menos parte destas grutas-necrópole era já conhecida desde o final do século XIX, nunca tendo sido exploradas.

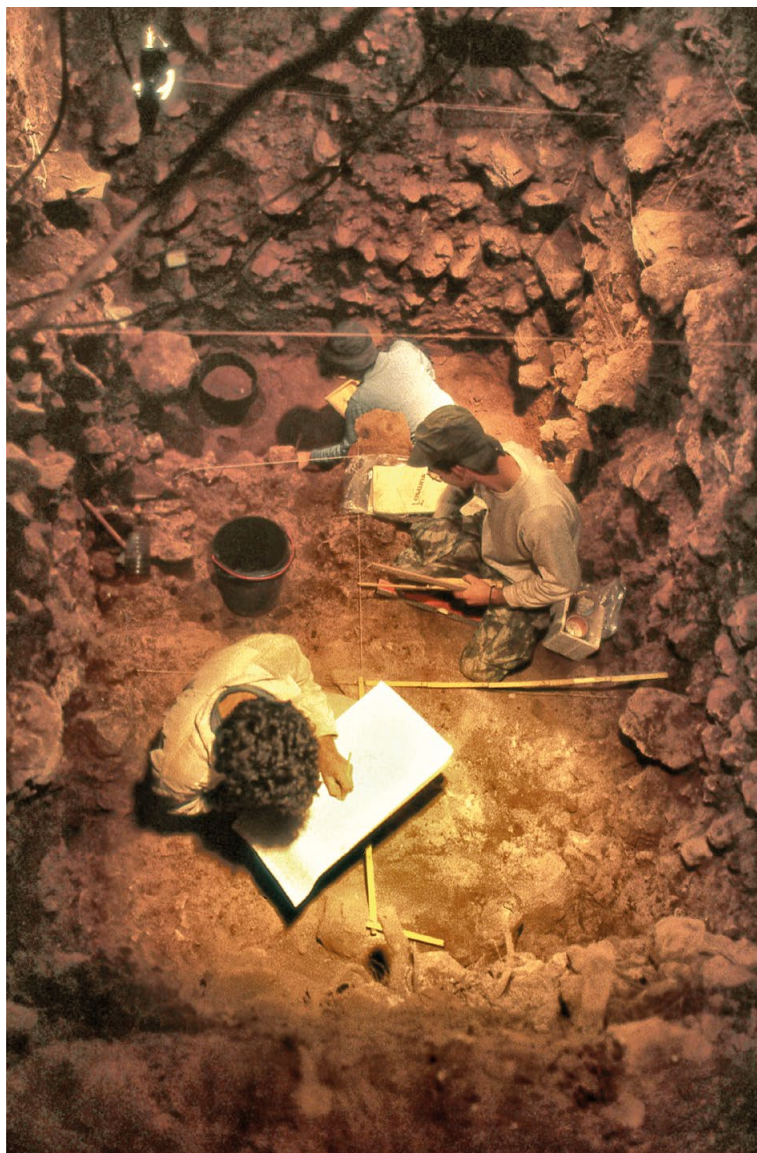


Figura 8. Escavação da gruta do Caldeirão, Tomar, em 1982. Note-se a aplicação de critérios rigorosos de escavação e também o cuidado no registo, realizado em planos e por quadricula. Foto cedida por João Zilhão

Figure 8. Excavation of Caldeirão Cave, Tomar, in 1982. Note the application of rigorous excavation principles and also the importance that's given to the recording of archaeological cave realities, carried out in well-defined plans and by grid. Photo: courtesy of João Zilhão

No concelho de Torres Novas e zonas limítrofes muitas foram as cavidades identificadas com vestígios osteológicos e artefactuais atribuíveis à Pré-História Recente. Para tal muito contribuiu a ação da Sociedade Torrejana de Espeleologia e Arqueologia (STEA), que no âmbito da sua atividade procedeu a uma série de recolhas de superfície e desobstruções que contribuíram para o adensar da informação disponível para esta região e também outras zonas limítrofes. Identificou o potencial

arqueológico da Lapa dos Namorados (Carvalho *et alii*, 2000), confirmou-o na Lapa da Modeira e fez o levantamento da Lapa da Canha Longa (Araújo e Zilhão, 1991), procedeu à identificação da chamada «Sala do Ricardo» na Lapa da Bugalheira (Rodrigues *et alii*, 2020) e foi ainda determinante na retoma dos trabalhos realizados a partir de 1988 na Galeria da Cisterna, no sistema cársico do Almonda (Zilhão *et alii*, 1991). Realizou também uma desobstrução na Buraca da Moura da Rexaldia nos anos 90, já



Figura 9. Principais monografias publicadas relativas a contextos funerários em grutas naturais: Gruta do Caldeirão (Zilhão, 1992). Porto Covo (Gonçalves, 2008a). Poço Velho (Gonçalves, 2008b). Algar do Bom Santo (Carvalho, 2014)

Figure 9. The main published monographs pertaining to funerary natural caves: Caldeirão (Zilhão, 1992). Porto Covo (Gonçalves, 2008a). Poço Velho (Gonçalves, 2008b). Algar do Bom Santo (Carvalho, 2014)

posterior aos trabalhos de Farinha dos Santos, entre 1982 e 1984 (Andrade, 2021). Nesta última jazida foi implementado um sistema de carris para a extração do sedimento escavado, tendo sido integralmente crivado a seco. Na área onde se recolheu o maior número de elementos de adorno pessoal de pequena dimensão, a crivagem foi integralmente realizada a água.

Nas áreas a Sul de toda aquela importante aglomeração de contextos funerários naturais, o número de sepulcros identificados neste intervalo de tempo é substancialmente inferior, destacando-se a gruta da Feteira, Lourinhã (Zilhão, 1984), a Lapa da Rainha 2, Torres Vedras (Kunst, 2002), o Algar do Bom Santo, Alenquer (Carvalho, 2014) e a Lapa da Figueira, Loures (Oliveira *et alii*, 2000).

É de salientar o facto de todos estes contextos terem sido primeiramente identificados e valorizados por grupos de espeleologia, respetivamente: Grupo de Espeleologia e Arqueologia da Lourinhã (GEAL), Espeleo Clube de Torres Vedras (ECTV), a Associação de Estudos Subterrâneos e Defesa do Ambiente (AESDA) e o Grupo de Espeleologia de Loures (GEL). Na Arrábida, o Núcleo de Espeleologia da Costa Azul (NECA) e o Centro de Estudos e Atividades Especiais da Liga de Proteção da Natureza (CEAE-LPN) desempenharam um papel semelhante na identificação da chamada Lapa do Sapo e da Lapa 4 de Maio, em Sesimbra (Fernandes, 2011). A ação dos membros destas instituições permitiu salvaguardar o interesse e potencial arqueológico destas grutas, chamando a si a realização de pareceres da tutela da Arqueologia. No caso da Feteira chegou mesmo a impedir a sua destruição e perda total para o conhecimento arqueográfico.

A primeira campanha na gruta da Feteira ocorreu em 1982 e teve a duração de cerca de quatro meses, tendo sido particularmente importunada pela estação chuvosa, que forçou a adaptação da metodologia da escavação — primeiro por camadas artificiais e depois seguindo a estratigrafia natural do preenchimento sedimentar, acompanhando a sua inclinação e desenvolvimento (Zilhão, 1984: 14). Foi realizada a coordenação tridimensional sistemática dos abundantes restos osteológicos e do espólio votivo, depois exportados graficamente e em relação com as estruturas pétreas funerárias intervencionadas, tanto em planta como em corte. É, contudo, todo o trabalho de preparação para a escavação que é notório, incluindo a remoção do teto da cavidade de forma a colocar a descoberto o depósito sedimentar, a construção de uma estrutura temporária que permitisse a proteção da área escavada, a instalação de um crivo a água e, à semelhança daquilo que vinha sendo feito, o levantamento topográfico prévio aos trabalhos e implantação de uma quadrícula de 1 m de lado.

Relativamente ao Algar do Bom Santo, com intervenções exaustivas nos anos 90 (e uma intervenção cirúrgica em 2001), a metodologia seguida foi também adaptada para responder a questões específicas — algo que é sempre mais fácil fazer no

decorrer de um projeto de investigação do que numa intervenção de minimização ou mesmo de emergência. Para além da coordenação tridimensional sistemática dos achados, registou-se igualmente a orientação e inclinação dos mesmos no sistema quadriculado com 1 m de lado.

Porém, e considerando a utilização intensiva daquela necrópole, que se manifesta numa amálgama de restos humanos manipulados, espólio votivo e outros elementos, como é o caso dos registos faunísticos, foi tomada a decisão de dividir cada unidade da quadrícula em quatro quadrantes distintos — 0,5 m² (Carvalho e Regala, 2014: 15). Os planos foram todos registados a uma escala pormenorizada e foi realizada a crivagem a água com uma malha fina — e que mais tarde foi mais apertada, com apenas 0,5 mm. A escavação propriamente dita seguiu as camadas sedimentares num primeiro momento, numa sequência que se revelou relativamente simples, tendo sido adotadas as camadas artificiais (5 cm) num momento posterior, com o objetivo de poder diferenciar e isolar os gestos funerários que aí ocorreram — tendo-se revelado depois que a sucessão vertical dos restos humanos não obedecia a uma ordem cronológica (Duarte, 1998).

Na chamada Lapa da Furada, em Sesimbra, a quadrícula que se manteve nas duas campanhas realizadas, apresentava 0,50 m de lado (Cardoso e Cunha, 1995), tendo sido a crivagem realizada no fundo do contexto cársico, numa área desprovida de camadas arqueológicas. Por sua vez, a decisão de prosseguir com uma segunda campanha de escavação deveu-se à necessidade de alargar a área de forma a melhor compreender a distribuição espacial das evidências registadas num primeiro momento e também a confirmação de um enchimento que se deu de forma bastante rápida. É, portanto, evidente, que se torna necessário nesta fase justificar o investimento que é feito nos sítios, com um inquérito consistente e lógico.

De facto, esta pujança nos 80 e 90 veio acompanhada de um incremento metodológico significativo que é também vertido em praticamente todas as publicações, tornando-se assim passível de ser escrutinado (e utilizado) pelos investigadores que se dedicam a esta temática (figura 9). Dá-se agora uma



Figura 10. Levantamento LiDAR da sala principal da gruta da Barroda, Peniche — com o intuito de fazer o registo e consequente manipulação do espaço utilizado como necrópole

Figure 10. LiDAR survey of the main room of the Barroda Cave, Peniche. The aim is to record, and ultimately manipulate, the space that was used as a funerary context

importância vital à forma como os sítios arqueológicos são escavados e, claro, interpretados sob diversas lupas.

3.5. 2000-Atualidade

Neste primeiro quartel do século XXI o número de intervenções manteve-se relativamente estável — pelo menos durante as primeiras duas décadas. É um período que beneficiou largamente dos avanços tecnológicos introduzidos nas práticas arqueológicas (figura 10), tanto em escavações como, e sobretudo, no registo das realidades que se vão decapando. É um novo conjunto de ferramentas que facilita e potencia as capacidades de interpretação do registo, o que resulta na valorização do trabalho que é desenvolvido. Pela extensão temporal dos projetos, tem-se verificado uma tendência para a continuidade dos projetos já iniciados, progredindo na estratigrafia de jazidas em estudo — como vimos, muitas vezes não relacionadas com as ocupações neolíticas e calcolíticas.

De facto, são muito poucos os trabalhos iniciados em grutas inéditas desde o início do século. Em 2001 regista-se uma pequena escavação no Algar do Bom Santo na sequência de atos de vandalismo que afetaram a integridade daquela que é uma das necrópoles mais bem preservadas deste território (Carvalho e Regala, 2014). Também na Cova das Lapas, foram realizadas novas sondagens em 2006-07 no âmbito de um projeto cujo objetivo se focava em realidades arqueológicas pré-existentes ao Neolítico — ainda que sem a confirmação inequívoca de uma ocupação paleolítica (Haws, 2010). O próprio regresso à Lapa da Bugalheira em 2019, integrado no projeto ARQUEVO (Arqueologia e Evolução dos primeiros humanos na fachada atlântica da Península Ibérica), foi parcialmente motivado pela presença de um adorno sobre concha (*Littorina obtusata*) tipicamente paleolítico nas recolhas antigas, com o intuito de confirmar, ou não, a existência desses níveis — que até agora detetaram ocupações funerárias do Neolítico antigo e médio muito relevantes, com

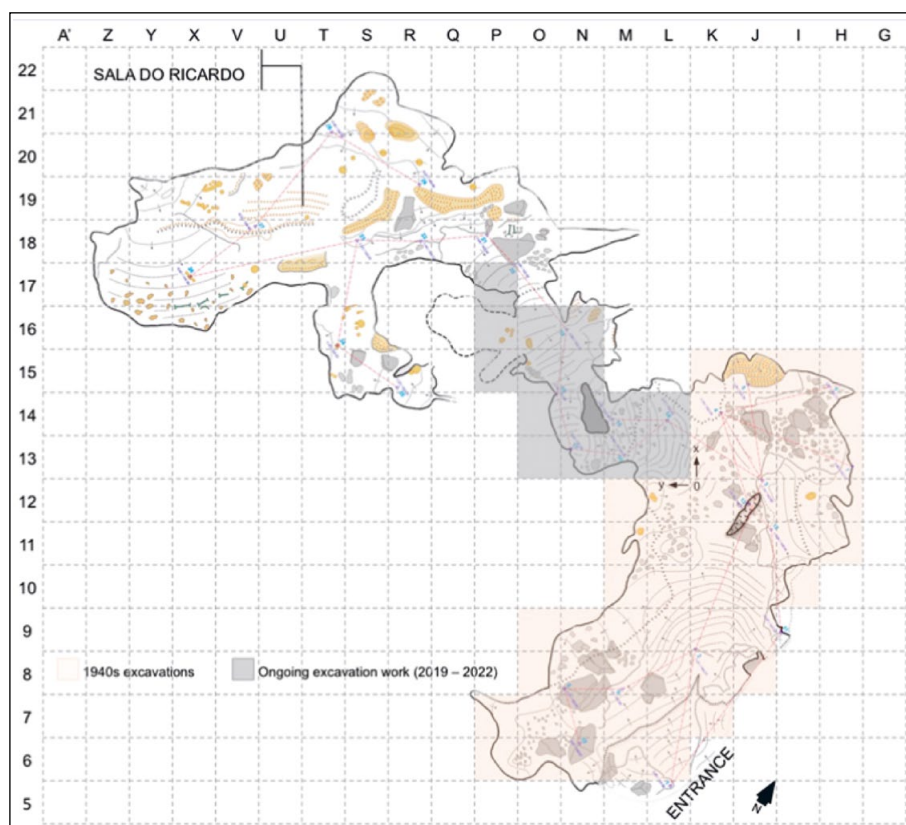


Figura 11. Planta da Lapa da Bugalheira, Torres Novas, distinguindo as áreas das escavações antigas e das campanhas mais recentes, que ainda decorrem. Cedido por Filipa Rodrigues | ARQEVO | 2024. Cartografia de base: J. A. Crispim e P. Marote | SPE | 2019

Figure 11. Plan of Lapa da Bugalheira, Torres Novas, that distinguishes the areas of the old excavations and more recent campaigns, which are still ongoing. The elements are courtesy of Filipa Rodrigues | ARQEVO | 2024. Base cartography: J. A. Crispim and P. Marote | SPE | 2019

um conjunto osteológico relativamente abundante e espólio votivo muito característico (Rodrigues *et alii*, 2020).

Estas escavações na Lapa da Bugalheira evocam, como já havíamos notado, a mesma capacidade de adaptar os objetivos e planificações com base naquilo que se vai intervencionando: foi assim que se decidiu o alargamento da área sondada (correspondendo à zona desobstruída pela STEA que levou à descoberta da «Sala do Ricardo» — figura 11) e se optou por vedar o acesso a toda a gruta e não apenas àquela zona, como inicialmente se havia pensado (Rodrigues e Zilhão, 2020).

O retorno a esta gruta-necrópole emblemática passou também por uma limpeza geral da área escavada por Afonso do Paço, por um registo rigoroso da topografia espeleológica e pela determinação de um ponto de referência, altimétrico, para a coordenação tridimensional dos achados. A escavação

propriamente dita tem seguido o método de decapagem por camadas naturais, crivando a seco todos os sedimentos, com uma malha de 4 mm. O registo dos topos das camadas, dos níveis artificiais e dos pormenores é realizado de forma sistemática, com desenhos, fotografias e ortorretificação das mesmas. Mais recentemente, têm sido feitos levantamentos tridimensionais dos espaços da gruta e a captação de imagens que permitam a realização de percursos digitais pela área que se encontra em escavação.

Mais a Norte, a retoma das escavações na gruta do Caldeirão a partir de 2021, teve como principal objetivo o inquérito sobre questões que não haviam sido inteiramente solucionadas nas campanhas que terminaram em 1988, destacando aquelas relacionadas com a definição da fase correspondente ao Paleolítico Superior Inicial (Gomes *et alii*, 2022). Contudo, os resultados obtidos para as camadas correspondentes à utilização da cavidade durante a

Pré-História Recente, fundamentalmente na camada Ea e no topo da Eb (ainda que os vestígios neolíticos surgissem em toda a sua espessura), avolumam a relevância já demonstrada nos trabalhos anteriores. Abundantes restos humanos, cerâmica cardial, adornos sobre concha e elementos de pedra polida constituem a materialidade das ocupações pós-paleolíticas. A metodologia empregue seguiu essencialmente aquela das campanhas de 1979-88, com a decapagem por unidades naturais, assumindo quando necessário uma série de níveis artificiais entre os 5 e os 10 cm. Após um teste de eficácia, a crivagem (a seco) foi realizada com uma malha de 4 mm. A base dos planos de decapagem foi fotografada e ortoretificada à escala 1:10. Foi igualmente realizado um levantamento fotogramétrico de todo o espaço da gruta.

Também em 2019 se regressa à gruta do Cadaval, Tomar, com o propósito de «refinar a caracterização da sequência estratigráfica da jazida [...] à luz das novas metodologias de campo e laboratoriais» (Pereira e Oosterbeek, 2020: 76).

As escavações realizadas em grutas até então não-intervencionadas, enquadradas em projetos de investigação, são genericamente escassas, correspondendo a três núcleos diferenciados (cinco necrópoles): as grutas 2 e 3 da Bezelga, Torres Novas, a Lapa Comprida e Rasteira do Castelejo, Porto de Mós, e a gruta do Rio Seco, Alcobaça. No primeiro caso, as intervenções foram necessárias na sequência de escavações clandestinas que aí tinham ocorrido — não só para avaliar os danos provocados na sequência daquelas ações, mas também para aferir o potencial científico dos sítios (Pinto *et alii*, 2007). Na gruta 2 a implantação das sondagens com quadrículas de 1 m de lado foi orientada para integrar tanto uma zona exterior da cavidade, na linha de pingo, como interior. Já na gruta 3, de dimensões reduzidas, a própria morfologia da parede da gruta condicionou a estratégia implementada, que consistiu numa sondagem interior, paralela à parede, e também exterior, em forma de «L». Foi feita uma crivagem a seco dos sedimentos, inclusive daqueles retirados no decorrer das escavações clandestinas e a estratigrafia foi sistematicamente descrita, destacando a potência das camadas, coloração, compacidade, granulometria

dos elementos inorgânicos, presença ou ausência de materiais arqueológicos e identificação de alterações pós-deposicionais.

À semelhança do que sucedeu nas grutas da Bezelga, o início das escavações nas grutas do Castelejo, particularmente na Lapa Comprida (Tomé, 2013a), foi também justificado pela perturbação clandestina do depósito funerário pré-histórico e que resultou na remoção de alguns segmentos anatómicos mais notórios, como é o caso do crânio — algo que parece ser uma situação recorrente nos sítios que são já conhecidos das populações locais. A mesma realidade foi confirmada na escavação realizada na vizinha Lapa Rasteira, com um remeximento antrópico e animal que chegava a atingir profundidades de cerca de 1 m (Tomé, 2013b). O objetivo primário destas intervenções era, então, assegurar a salvaguarda dos depósitos sedimentares remanescentes e definir uma sequência estratigráfica para as ocupações detetadas. Neste caso, a topografia da Lapa Rasteira parece ter ficado para segundo plano, tendo sido dada prioridade à identificação das camadas e o grau de preservação das ocupações neolíticas e calcolíticas. Apesar de não ter sido atingido o fundo da estratigrafia, particularmente na sala II, também nesta instância se verificou a implementação de soluções que permitissem aproveitar as constrições do espaço das paredes e o alargamento em área para atingir uma maior profundidade.

Finalmente, também a intervenção preliminar realizada na gruta do Rio Seco foi realizada na sequência da sua exploração não-autorizada — ainda que neste caso se tenham identificado os autores desta ação amadora (Tereso *et alii*, 2006). Nesse sentido, a intervenção assumiu um caráter de emergência, com o objetivo de definir a sequência estratigráfica da zona da entrada e a justificação para a colocação de um gradeamento que protegesse os depósitos arqueológicos. É, portanto, uma intervenção com outro tipo de condicionantes que as mencionadas anteriormente não tiveram. A estratigrafia, de potência limitada e alterada, foi descrita e interpretada de forma rigorosa, tendo-se identificado apenas uma unidade estratigráfica que corresponde à utilização do espaço como necrópole pré-histórica.

A Sul do Tejo, registam-se outros dois projetos de investigação, de certo modo contínuos ainda que

ligeiramente afastados no tempo, que resultaram nas intervenções da Lapa dos Pinheirinhos 1 (Fernandes e Rocha, 2008) e também na Lapa do Sono. No primeiro caso, os trabalhos resumiram-se à crivagem a seco de terras descontextualizadas, mas do interior do contexto cársico e no segundo, pelas dificuldades de exploração do contexto em si, não se atingiu a caracterização das três camadas que se identificaram num primeiro momento (*cf.* informação disponível no processo enviado à tutela arqueológica). Note-se, porém, que na Lapa do Sono foram utilizados métodos não-invasivos (Georradar e Indução Eletromagnética) para determinar a volumetria e extensão dos sedimentos arqueológicos, visto que estes mascaravam a dimensão real da cavidade, estando preenchidos até ao teto (Caldeira *et alii*, 2017). Assim, poderá ser uma ferramenta útil para a preparação de novas campanhas no sítio.

Por sua vez, neste período nota-se, em clara continuidade com a última fase do período anterior, a intervenção de contextos funerários em ambientes cársicos no âmbito de trabalhos de salvaguarda, nomeadamente nos designados abrigos do rio Lisandro, em Mafra. No decorrer das ações de estabilização de taludes da estrada nacional nº 247, foram detetados estes dois abrigos, com inumações pré-históricas no seu interior. Considerando a altura a que foram identificados, a cerca de 5 m do pavimento da estrada, e a exiguidade do espaço físico preservado, a estratégia de intervenção passou pela instalação de um andaime que permitisse a escavação integral destes vestígios (Valente, 2017).

Considera-se ainda relevante a identificação/re-localização de novas grutas-necrópole no âmbito de projetos de prospeção amplos e que não são orientados especificamente para a deteção deste tipo de sítios. Este é o caso da gruta da Barroda, em Peniche (Rendeiro e Delicado, 2018), e da Lapa do Fetal e da Lapa dos Ossos, na Batalha (Pereira *et alii*, 2016). No primeiro sítio, o enquadramento dos trabalhos terá sido a Carta Arqueológica de Peniche e no segundo a Identificação de sítios inéditos de cronologia pré-histórica na bacia do Lis. Em ambos os casos os contextos eram já conhecidos das populações locais e contavam com a sua integridade já alterada, mantendo ainda assim evidente potencial científico.

Este é um período marcado pelo regresso a muitas jazidas já intervencionadas no passado, mas também com algumas necrópoles inéditas a serem identificadas ou preliminarmente caracterizadas e até com necrópoles a serem intervencionadas no contexto da Arqueologia de salvamento. Para além de novos atributos tecnológicos que potenciam o espectro de análises viradas para as práticas arqueológicas, foram também implementadas medidas que versam sobre a principal característica dos contextos funerários: os restos humanos.

Desde o início do século XXI que se legisla a obrigatoriedade de integrar um especialista em antropologia física aquando da escavação de um contexto de necrópole, nomeadamente através do Decreto-Lei n.º 270/99 de 15 de Julho (artigo 8º). A mesma legislação foi confirmada e aprimorada no mais recente Regulamento dos Trabalhos Arqueológicos — Decreto-Lei n.º 164/2014 de 4 de Novembro (artigo 11º) — que exige um anexo suplementar ao relatório de trabalhos arqueológicos, produzido pelo membro da equipa especialista em antropologia física, detalhando a informação obtida no terreno. É evidente que isto veio trazer um imenso potencial científico, particularmente para as grutas-necrópole que aqui nos interessam, na medida em minimiza a perda de informação relevante e permite a aplicação de um conjunto de abordagens que antes estariam fora do alcance. Em concreto, permite a implantação de métodos da arqueotanatologia, especialmente úteis em depósitos funerários coletivos em que se pretende «[...] a identificação e descrição da cadeia operatória dos gestos intencionais que estão por detrás da deposição de restos humanos» (Peyroteo-Stjerna, 2017: 448).

4. DISCUSSÃO

A análise do gráfico 1 resulta interessante, na medida em que se confrontaram o número de trabalhos em grutas-necrópole neolíticas e calcolíticas e as décadas do século XX, optando-se por aglomerar numa única coluna os trabalhos da segunda metade do século XIX, época em que se começaram a desenvolver as campanhas arqueológicas no

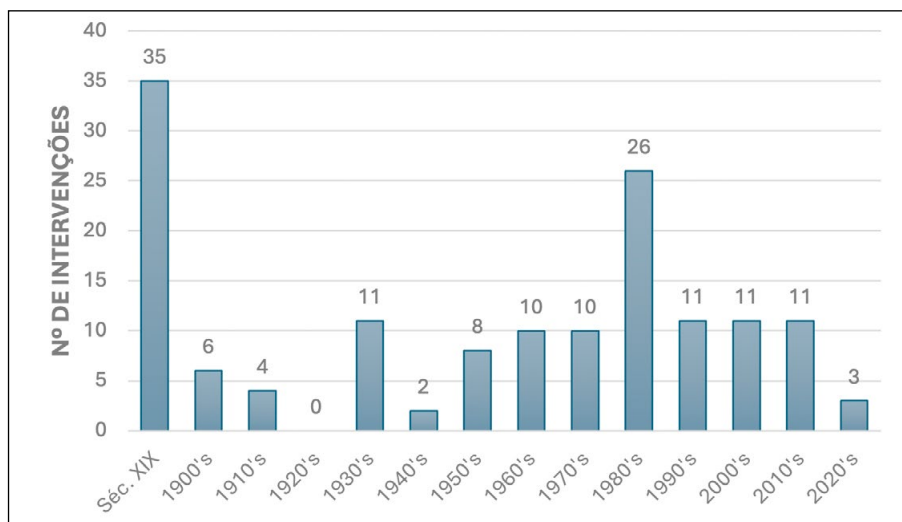


Gráfico 1. Dinâmica do número de trabalhos em grutas-necrópole, desde a segunda metade do século XIX até à atualidade

Graph 1. Dynamics of the number of archaeological campaigns in cave-necropolises since the second half of the 19th century until present day

interior de cavidades cársicas da Estremadura portuguesa. Num total de 148 trabalhos/intervenções, de carácter bastante distinto, são diversos os comentários passíveis de realizar.

Desde logo, o maior número encontra-se registado na segunda metade do século XIX. Apesar de se tratar de uma aglomeração de várias décadas, é um exercício que se justifica plenamente considerando a homogeneidade das intervenções realizadas, dirigidas essencialmente por membros da Comissão Geológica. Corresponde também a um período que tem a particularidade de todas as necrópoles terem sido pelo menos parcialmente escavadas, quando não na sua totalidade — o que não foi o caso em determinados períodos posteriores, como veremos. Foi uma fase de grande pujança e vitalidade para a Arqueologia em Portugal, possibilitado também pelo contexto cultural que então se vivia, num «[...]» clima de abertura mental ao exterior [...]» que rompeu com o paradigma conservador do Antigo Regime (Diniz e Gonçalves, 1994: 179).

Diga-se que, pelo menos no início, as escavações realizadas em grutas não tinham como objetivo a intervenção das necrópoles da Pré-História Recente, mas antes as ocupações humanas daqueles espaços naturais que lhes subjazem, de época paleolítica. Há uma clara amálgama entre as duas realidades crono-culturais, em prejuízo das ocupações

mais recentes (que na verdade não poderiam ser totalmente ignoradas devido às leis da deposição dos estratos). No entanto, é fácil compreender a razão de ser deste objetivo — da procura das evidências mais antigas do Homem — face ao que se passava na Europa ocidental. Poucos anos antes da escavação da Casa da Moura por Nery Delgado, a Grotte des Espélugues, na Aquitânia, vinha sendo escavada por Édouard Lartet (também ele geólogo), que aplicou uma abordagem mais sistemática aos seus trabalhos, ao documentar a sequência de depósitos sedimentares e material arqueológico associado (Lartet *et alii*, 1875). Contudo, esta abordagem mudou relativamente rápido, como se depreendeu da segunda e principal campanha precisamente na Casa da Moura (e também na Furninha), realizada 15 anos depois, prestando especial atenção à necrópole neo-calcolítica.

Na fase imediatamente subsequente, durante a primeira metade do século XX, assiste-se a uma redução significativa do número de intervenções realizadas, na ordem dos 34 %. Note-se ainda, comparativamente, que as intervenções da segunda metade do século XIX tiveram início a partir da década de 60 (e não de 50), o que desequilibra ainda mais a análise. Esta variação parece ter origem na cessação das atividades da Comissão Geológica em grutas, que não teve continuidade até aos projetos

desenvolvidos por Georges Zbyszewski e Octávio da Veiga Ferreira, essencialmente a partir dos anos 50, ainda que na década de 40 seja perceptível o início do impacto que os seus esforços vieram a ter na arqueologia portuguesa (Zilhão, 1992). Não deixa de ser relevante notar que, embora incontornáveis, a publicação das campanhas arqueológicas da Comissão Geológica é manifestamente escassa e a sua ação não «[...] deu origem a uma “escola” dos Serviços Geológicos» (Fabião, 1999: 109). Não se deu, portanto, continuidade ao trabalho que vinha até aí a ser desenvolvido, particularmente no que toca aos sítios pré-históricos, com os quais aqueles com formação geológica tinham bastante maior afinidade.

Como vimos, este é um período que está sobretudo ligado aos trabalhos dos diretores do atual Museu Nacional de Arqueologia –José Leite Vasconcelos e Manuel Heleno. O primeiro, que se dedicava ao estudo do «[...] Povo Português [...]» com «[...] um programa de estudo que valorizava a remotíssima antiguidade da nação portuguesa» (Fabião, 2008: 102), tornou-se a principal figura da arqueologia em Portugal e com expressão particular durante a I República (1910-1926), em que os trabalhos de campo, a que as grutas-necrópole não estão alheias, acabam por chegar a um ponto de estagnação — veja-se que durante os anos 20 não nos foi possível reconhecer qualquer trabalho realizado em necrópoles de gruta. Já o segundo, que seguiu também este propósito do estabelecimento da antiguidade das origens da população portuguesa (Cardoso, 2013: 144), procurou simultaneamente «esclarecer os grandes problemas [...] da arqueologia».

As grutas-necrópole, que apesar de não terem sido ignoradas (vejam-se as grutas de Alcanena e de Rio Maior), nunca foram o objetivo central das investigações de ambos, contribuindo para o decréscimo verificado — mesmo que Manuel Heleno se tenha dedicado à escavação de cerca de 300 monumentos ortostáticos, crono-culturalmente coevos das grutas-necrópole que aqui se comentam, na área de Coruche, Montemor-o-Novo e Estremoz, no Alentejo.

Com a exceção de algumas pequenas incursões já comentadas, destacam-se igualmente as atividades, bastante mais direcionadas do ponto de vista

geográfico, de Ricardo Belo em Torres Vedras e Leonel Trindade em Torres Vedras e no Cadaval. Estes marcaram de forma indelével a realidade pré-histórica da região de Torres Vedras (grutas incluídas), tendo ambos dirigido o Museu Municipal, alimentado por muitas das campanhas de campo por eles protagonizadas. Como vimos, todos estes trabalhos têm uma forte componente artefactual que se destinava à compilação de coleções com valor demonstrativo — para os quais as necrópoles desempenham um papel importante devido à integridade dos conjuntos votivos, contrastando naturalmente com os contextos domésticos.

É, então, a partir da segunda metade do século xx que se inicia um novo ciclo para a história das pesquisas em grutas-necrópole, cujo desenvolvimento se acentua sobretudo no último quartel. Face ao período imediatamente anterior, verifica-se um aumento muito superior do número de intervenções/ações em grutas-necrópole, na ordem dos 183 %. Este volume é sobretudo compreendido na ótica de estagnação que a Arqueologia em Portugal conheceu durante o período do Estado Novo (Fabião, 1996). A prática arqueológica era fundamentalmente amadora e orientada para a captação de achados notórios e/ou singulares, com evidente valor expositivo (Bugalhão, 2021: 590-591). A implantação dos valores democráticos do 25 de Abril não veio trazer alterações imediatas ao quadro da Arqueologia portuguesa, mas resultou na criação do primeiro órgão que tutela o património cultural, em 1975, e ao primeiro regulamento de trabalhos arqueológicos, em 1978. Há, sem dúvida, um crescimento do número de trabalhos arqueológicos (veja-se o exemplo das grutas-necrópole no gráfico 1) e a disciplina começou a ser instruída nas universidades, numa incipiente especialização.

Mas é realmente a partir dos anos 80 que se verifica uma transformação relevante para a Arqueologia no âmbito da administração central, desde logo com a criação do IPPC (Instituto Português do Património Cultural) em 1980 e com a instauração da especialização em Arqueologia nas principais universidades do país (Fabião, 2011). Nasceu, de certo modo, uma nova geração que detinha as ferramentas para realizar um novo conjunto de abordagens

aos contextos pré-históricos em gruta. No caso que nos importa aqui, isso é particularmente visível com os trabalhos associados à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e ao Instituto Politécnico de Tomar na Alta Estremadura — muitos dos quais tiveram a sua conclusão já na década seguinte, resultando numa coleção muito significativa de novos dados que nem sempre são manipulados com facilidade — pelo seu volume, entenda-se. De facto, e face a este desenvolvimento dos métodos e técnicas adquiridos, de que hoje somos herdeiros e perpetuadores: «[...] esse benefício tem tido um custo: a demora na obtenção de resultados imposta pelo cuidado e atenção ao pormenor [...]» (Zilhão, 2023: 38). Ainda assim, e para estes contextos, são os projetos de investigação que dominam as categorias dos trabalhos realizados.

Ao procedermos à análise quantitativa dos trabalhos e projetos associados ao conjunto de grutas-necrópole da Estremadura portuguesa, disponíveis através do *Sistema Endovélico*, é relevante destacar o facto de que 62 % destes trabalhos se enquadram na categoria dos projetos de investigação, enquanto os trabalhos realizados no âmbito de medidas de minimização de impactos e emergência não ultrapassam os 34 % e 4 %, respetivamente. Considerando a natureza do enquadramento destes diferentes trabalhos, é natural que as escavações se realizem sobretudo em investigações e ações preventivas. Por outro lado, as prospeções, relocalizações e levantamentos, parecem ocorrer de forma muito mais distribuída e equitativa em ambas as dimensões referidas.

Quando se observam os dados referentes à tipologia dos trabalhos realizados (76 % das grutas aqui consideradas foram escavadas) verificamos que é apenas a partir dos anos 60 do século xx em que o carácter funerário de algumas destas necrópoles é meramente reconhecido e não intervencionado diretamente — indicando também uma mudança ao nível dos meios que permitem a operacionalidade da ação arqueológica.

Assim, e a título de exemplo, entre o conjunto de trabalhos em grutas-necrópole dos anos 80 do século xx, que se revelou o segundo maior no gráfico de barras produzido, teríamos uma relação diferencial de 21 sítios escavados e 5 com interesse

funerário apenas referenciado. Este conjunto de sítios não-sondados arqueologicamente, e descobertos frequentemente, como vimos, no âmbito dos trabalhos de grupos de espeleologia (mas também no âmbito de projetos de investigação e até estudos de impacte ambiental) distribui-se exclusivamente na vertente Norte e Centro da Estremadura. Ressalvase, contudo, a existência de um conjunto de necrópoles cujo período de identificação desconhecemos (cerca de um terço destes sepulcros).

É evidente que estas ações de reconhecimento não se iniciaram exclusivamente a partir dos anos 60, uma vez que muitas destas grutas são bem conhecidas das populações locais desde há muito tempo, mas é a partir de então que é possível quantificá-las, considerando que foram apresentadas em algum momento ao registo arqueográfico. Existem, aliás, diversos mitos e lendas associados a um conjunto numeroso de grutas com ocupação funerária da Pré-História Recente. Foram também utilizadas já em época contemporânea com uma grande diversidade de funções: locais de abrigo, residência de eremitas, espaço de armazenamento, esconderijos para a produção de moeda falsa, entre outros.

No que concerne à dinâmica da investigação, podemos dizer que estes se mantiveram bastante estáveis nas últimas duas décadas do século xx e a primeira do século xxi — representando, em conjunto, praticamente dois terços das pesquisas efetuadas. A partir de 2010, temos vindo a assistir a um ligeiro decréscimo no número de projetos submetidos à tutela, que não deverá ser alheio da dificuldade em obter financiamento — especialmente considerando as despesas envolvidas numa escavação em gruta. É, contudo, notório que tenha sido apenas nos últimos anos que diversos projetos de doutoramento, atualmente em curso, se tenham focado na temática das ocupações funerárias em gruta durante o 4º e 3º milénios a. n. e.

A dinâmica dos trabalhos de carácter preventivo é formalmente distinta, tendo o seu início apenas na década de 80.

Mantém-se pouco significativa até ao fim do século xx, para nas primeiras duas décadas do século xxi se tornar algo relevante, com uma percentagem superior a três quartos destas tipologias de trabalhos.

Este incremento está diretamente relacionado com a necessidade legal da realização de estudos de impacto ambiental prévios às empreitadas a realizar, mas também com os processos de revisão dos Planos Diretores Municipais que estão frequentemente ligados ao desenvolvimento de Cartas Arqueológicas regionais. Ainda será demasiado precoce para avaliar a situação da década atual, mas tudo indica que o este número se manterá estável.

Regressando ao domínio da investigação, e sobretudo nas últimas duas décadas, o número de datações absolutas, análises isotópicas e de ADN antigo realizadas para este conjunto de sítios tem sofrido um aumento significativo: seja no âmbito de novos projetos, com novas escavações, seja na revisitação de determinadas coleções arqueológicas, algumas das quais centenárias. No que toca às datações absolutas (enquanto indicador utilizado há mais tempo) apenas 36 das 119 grutas (c. 30 %) conta com uma determinação cronológica mais rigorosa, pelo que a cronologia relativa (que até se encontra relativamente bem definida) desempenha ainda um papel fundamental quando se pretende realizar uma análise de conjunto, especialmente considerando a grande quantidade de necrópoles com escavações antigas.

Para o território da Península de Setúbal analisado, esta percentagem é de 44 %. Todavia, e quando se referiu que a divisão cronológica deste trabalho não respondia a um critério artificial, as grutas-necrópole contam com o conjunto de datações mais alargado de qualquer outra tipologia sepulcral coeva: no estado atual dos conhecimentos, e para o território que aqui se delimitou, são 195 determinações absolutas — já excluindo todas as amostras que não foram realizadas sobre osso humano. Apesar de permanecerem ainda questões relevantes, o âmbito cronológico encontra-se bem definido.

Finalmente, e considerando um dos objetivos fundamentais desta discussão, importa referir a evolução das práticas arqueológicas em ambientes cárscos, mas que, genericamente, se referem também a outro tipo de contextos, com exceção de um ou outro pormenor mais específico (tabela 2).

Este é de facto um ponto relevante, na medida em que as escavações em gruta vieram dar uma dimensão claramente científica às práticas arqueológicas em Portugal e, portanto, são indissociáveis do caminho que nos permitiu chegar ao estado atual, certamente mais fundamentado, mas que nem por isso escapará ao escrutínio da Arqueologia que se praticará no futuro.

Segunda metade do séc. XIX*	1900-1950	1950-1970	1970-2000	2000-Atualidade
- Plantas e Alçados: 7/35 (20%)	- Plantas e Alçados: 5/22 (22%)	- Plantas e Alçados: 7/12 (58%)	- Plantas e Alçados: 26/31 (84%)	- Plantas e Alçados: 15/15 (100%)
- Quadrícula/Registo tridimensional: 18/35 (51%)	- Quadrícula/Registo tridimensional: 3/22 (14%)	- Quadrícula/Registo tridimensional: 7/12 (58%)	- Quadrícula/Registo tridimensional: 25/31 (81%)	- Quadrícula/Registo tridimensional: 15/15 (100%)
- Inventário: 18/35 (51%)	- Inventário: 11/22 (50%)	- Inventário: 6/12 (50%)	- Inventário: 26/31 (84%)	- Inventário: 15/15 (100%)
- Recolha antropológica: Parcial - 1/35 (3%); Total - 18/35 (51%)	- Recolha antropológica: Parcial - 9/22 (41%); Total - 4/22 (18%)	- Recolha antropológica: Parcial - 9/12 (75%); Total - 1/12 (8%)	- Recolha antropológica: Parcial - 5/31 (16%); Total - 20/31 (65%)	- Recolha antropológica: Parcial - 0; Total - 15/15 (100%)
- Crivagem: Seco - 18/35 (51%); Indeterminado - 1/35 (3%); Água - 0	- Crivagem: Confirmado - 6/22 (27%); Indeterminado - 5/22 (22%); Água - 0	- Crivagem: Confirmado - 5/12 (42%); Indeterminado - 2/12 (17%); Água - 0	- Crivagem: Confirmado - 12/31 (39%); Indeterminado - 9/31 (29%); Água - 5/31 (16%)	- Crivagem: Confirmado - 12/15 (80%); Indeterminado - 0; Água - 3/15 (20%)
- Estratigrafia e Cronologia.	- A recolha artefactual é prioritária.	- Fase de transição em que assistimos, sobretudo, à continuidade das práticas até então vigentes. Há, contudo, práticas inovadoras que foram precursoras da fase posterior.	- Dinâmica colaborativa e interdisciplinar.	- Fotogrametria: 6/15 (40%)

Segunda metade do séc. XIX*	1900-1950	1950-1970	1970-2000	2000-Atualidade
- Formação de processos naturais (por oposição a antrópicos).	- Grande variabilidade na qualidade das escavações, com alguns dos contextos a serem praticamente saqueados (é dependente do enquadramento).		- Escavação estratigráfica sistemática, potenciando a fundamentação de sequências cronológicas.	- Aplicação sistemática de um conjunto de técnicas não-intrusivas, como o LiDAR ou os Sistemas de Informação Geográfica para o registo dos achados.
- Níveis artificiais.			- Evita-se a escavação integral dos depósitos arqueológicos.	- Abordagem geoarqueológica sistemática.
			- Micromorfologia dos solos.	- Utilização de ferramentaria pesada (martelo demolidor; martelo pneumático).
			- Adaptação dos métodos de escavação face à realidade que se põe a descoberto.	- Arqueotematologia - potencia a captura dos gestos funerários.

Tabela 2. Evolução da metodologia das práticas arqueológicas em gruta. Chama-se a atenção para a natureza necessariamente cumulativa deste quadro. *Para este período a contabilização dos dados é mais complexa, pelo que se teve em conta o facto de as necrópoles terem sido escavadas sob a alçada dos mesmos elementos da Comissão Geológica e, portanto, seguiram uma metodologia muito semelhante – bem patente na escavação da Casa da Moura

Table 2. Evolution of the methodology of archaeological practices in caves. We draw attention to the cumulative nature of this framework. *For this period its difficult to reach an exact number, so we assumed a regular variable, since the caves were mostly excavated by the Geological Committee that used a very similar excavation methodology throughout its members – very well demonstrated in the case of Cova da Moura

5. Conclusão

Investigar, numa visão de conjunto, as grutas-necrópole neolíticas e calcolíticas da Estremadura é olhar necessariamente para a história das investigações. E há uma parte significativa desse percurso que passa pelas escavações antigas, cujo processo de aquisição de dados arqueológicos não respeita muitas vezes os critérios impostos pela dimensão científica com que a Arqueologia se tem vindo cada vez mais a identificar. É um legado importante que nos permite genericamente recuperar informação que, muitas vezes, se imaginava irremediavelmente perdida e que tem provado grande utilidade no âmbito de projetos que se encontram em curso. Há, contudo, limitações difíceis de ultrapassar e que condicionam as abordagens que se pretendem implementar, chamando a atenção para a importância de estabelecer critérios de análise rigorosos e capazes de se relacionarem com os projetos mais recentes. Ou seja, a recuperação dos dados provenientes de escavações antigas, conquanto desafiadora, não é impossível.

O padrão temporal que se desenhou para as grutas-necrópole é genericamente compatível com

a dinâmica da própria História da Arqueologia em Portugal e, particularmente, na Estremadura. Essencialmente, vemos dois grandes períodos em que há um incremento notório no número de sepulcros: o primeiro durante a segunda metade do século XIX, protagonizado por figuras da Comissão Geológica que são consideradas protagonistas do início da atividade arqueológica, e o segundo, que se inicia cerca de um século mais tarde, a partir de meados dos anos 70, mas que tem a sua verdadeira efetivação nos anos 80, com uma geração que sai das universidades e que começa a trabalhar com várias instituições locais do património, incluindo instituições de espeleologia que aqui detêm um papel fundamental.

No período que constitui o intervalo entre estas duas fases de crescimento, verifica-se, pelo contrário, um estado de decréscimo, num primeiro momento, e estagnação, já num segundo, ainda que pontuado por campanhas muito relevantes, essencialmente motivadas por uma reemergência do interesse dos Serviços Geológicos. O maior contributo para este estado terá sido precisamente o contexto social e político que se viveu na grande maioria desta fase, que relegou a Arqueologia para um papel perfeitamente

secundário. A instituição da democracia, dos seus valores e princípios, veio necessariamente transformar este panorama — ainda que de forma gradual no que à Arqueologia diz respeito.

Desde então tem-se realmente investido em projetos duradouros e cada vez mais capacitados do ponto de vista científico, mesmo reconhecendo a dificuldade em captar financiamento para os objetivos que se pretendem cumprir, principalmente para projetos verdadeiramente novos. Nesse sentido, nos últimos anos regista-se uma clara opção para regressar aos sítios previamente escavados, muitas vezes com o intuito de intervencionar os níveis paleolíticos subjacentes, naquela que é uma expressão objetiva de uma dinâmica que vem desde o início da exploração arqueológica em ambientes cársicos no território da Estremadura portuguesa. Com isto não se quer dizer que a materialidade holocénica seja ignorada, mas é um facto que ultimamente não se têm posto em prática projetos especificamente orientados para as ocupações neolíticas e calcolíticas.

É precisamente este potencial para regressar aos sítios arqueológicos com um novo inquérito que se vê possibilitado pela grande longevidade dos trabalhos realizados em grutas, que, contudo, estiveram fora das grandes sínteses dos sepulcros relacionados com o fenómeno megalítico, como aquelas produzidas pelo casal Leisner para o Sudoeste Ibérico e a Estremadura. A utilidade dos exercícios de recuperação de informação, cumprida através de um leque alargado de abordagens a que hoje temos acesso, deverá sempre suscitar dúvidas que poderão ser compreendidas e aprofundadas na sequência de novas campanhas — especialmente considerando o carácter bastante particular de uma escavação em ambiente de gruta.

E foi devido a esta especificidade dos trabalhos em contextos de gruta que se pretendeu relacionar as dinâmicas da investigação com os próprios métodos utilizados para a obtenção dos dados arqueológicos. A evolução que se pretendeu representar culmina na atual diversidade de ferramentas que dispomos para melhor capturar e interpretar o registo arqueológico, encontrando-se inteiramente disponível para a adição de novas contribuições de índole metodológica e tecnológica, sendo que as fronteiras entre uma e outra dimensão se tendem a desvanecer.

A Arqueologia da morte no interior das grutas, particularmente do Neolítico e Calcolítico, constitui parte integrante do glossário arqueológico há bem mais de um século. Faz, inclusive, parte do imaginário popular, se bem que com contornos mais difusos. Pretendeu-se aqui dar um panorama geral desta realidade portuguesa, passível de ser integrada naquela que é também uma tradição europeia.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto com o identificador <https://doi.org/10.54499/2021.07362.BD>.

Agradece-se a Ana Catarina Sousa pela revisão e comentários que enriqueceram este trabalho. Ao Museu Nacional de Arqueologia, na pessoa do seu Diretor, António Carvalho, e do funcionário encarregue do arquivo fotográfico, Carlos Morgado, pela digitalização dos elementos que aqui se reproduzem. Também a Lúcia Coito e Luísa Guerreiro, da mesma instituição, pelo auxílio na navegação de um arquivo documental de construção centenária. A Cátia Delicado pelo esclarecimento de algumas questões relacionadas com a história das pesquisas nas grutas-necrópole da região de Alcobaca. A Luís Gomes e Alexandre Varanda pela partilha dos relatórios mais recentes da gruta do Caldeirão. A João Zilhão pela cedência de imagens das campanhas dos anos 80, também no Caldeirão. A Filipa Rodrigues pelas informações referentes à Lapa da Bugalheira. A Matilde van Calker por ter facilitado os aspetos gráficos que constam deste trabalho.

Bibliografia

- Andrade, M. A. (2021): “Das Lapas à Rexaldia. Mobiliários votivos das antigas comunidades camponesas do Maciço Calcário Estremenho presentes no Museu Municipal Carlos Reis (Torres Novas)”. *Nova Augusta*, 33: 290-334.
- Apolinário, M. (1897): “Grutas do Furadouro”. *O Arqueólogo Português*, 3 (1ª Série): 86-95.
- Araújo, A. C. e Zilhão, J. (1991): *Arqueologia do Parque Natural da Serra de Aires e Candeeiros*. Lisboa.

- Batata, C. (1997): *As origens de Tomar: Carta Arqueológica do Concelho*. Tomar.
- Belo, R., Trindade, L. e Ferreira, O. V. (1961): "Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras)". *Comunicações dos Serviços Geológicos*, 45: 391-418.
- Bugalhão, J. (2021): *A Arqueologia em Portugal entre o final do século XX e o início do século XXI (1970-2014)*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <<http://hdl.handle.net/10451/50041>>.
- Caldeira, B., Oliveira, R. J., Rocha, L., Borges, J. F., Neves, S. e Fernandes, R. (2016): "Integração dos métodos de Georadar e Indução Eletromagnética para o mapeamento de grutas - aplicação à Lapa do Sono - Arrábida". *DigitAR*, 3: 31-36. <https://doi.org/https://doi.org/10.14195/2182-844X_3_4>.
- Cardoso, J. L. (2003): "A Gruta do Correio-Mor (Loures)". *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 11: 229-321.
- Cardoso, J. L. (2012): "António dos Santos Rocha (30 de Abril de 1853; 28 de Março de 1910) e a exploração arqueológica das Grutas da Columbeira (Bombarral)". Em R. Vilaça e S. Pinto (eds.): *Santos Rocha. A Arqueologia e a sociedade do seu tempo*. Figueira da Foz: 53-61.
- Cardoso, J. L. (2013): "Manuel Heleno (1894-1970) o arqueólogo e o professor universitário à luz de documentação inédita". *Al-madan*, 18: 131-146.
- Cardoso, J. L. (2014): "A sepultura calcolítica da gruta da Ponte da Laje (Oeiras)". *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21: 183-194.
- Cardoso, J. L. (2020a): "A primeira escavação arqueológica metodologicamente moderna foi realizada em Portugal em 1879/1880: A intervenção de Nery Delgado na gruta da Casa da Moura (Óbidos, Portugal)". *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 26: 123-242.
- Cardoso, J. L. (2020b): "Sobre a presença de *Conus pulcher* (Lightfoot), 1756 na gruta das Fontainhas (Cadaval) ou a ocorrência de objectos exóticos africanos em Portugal no decurso do século XVI". *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 27: 387-396.
- Cardoso, J. L. (2020c): "A necrópole da gruta das Alcobertas (Rio Maior) e a sua importância para o conhecimento do Neolítico médio em Portugal". *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 27: 117-140.
- Cardoso, J. L. (2021): "A ocupação do Neolítico médio da Lapa do Fumo (Sesimbra) e sua cronologia absoluta". *Akra Barbarion - Sesimbra, Cultura e Património*, 5: 15-34.
- Cardoso, J. L. (2024): "A necrópole da Gruta da Verdelha dos Ruivos (Vila Franca de Xira) e a génese do complexo campaniforme na região da Foz do Tejo (Portugal)". *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 34: 249-310. <<https://doi.org/10.5281/zenodo.12732059>>.
- Cardoso, J. L. e Carreira, J. R. (1992): "Escavações de Nery Delgado no Planalto de Cesareda nas grutas da Lapa Furada e da Malgasta (Peniche): estudo do espólio arqueológico". *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 78 (2): 145-173.
- Cardoso, J. L. e Carvalho, A. F. (2011): "A Gruta da Furninha (Peniche): estudo dos espólios das necrópoles neolíticas". *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18: 333-392.
- Cardoso, J. L. e Cunha, A. S. (1995): *A Lapa da Furada (Sesimbra): Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994*. Sesimbra.
- Cardoso, J. L., Cunha, A. S. e Aguiar, D. (1991): "O Homem pré-histórico no concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física". *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 2: 1-85.
- Cardoso, J. L., Ferreira, O. V. e Carreira, J. R. (1996): "O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior)". *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6: 195-256.
- Carreira, J. R. e Cardoso, J. L. (2002): "A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e a sua ocupação pós-paleolítica". *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 10: 249-361.
- Carvalho, A. F. (2008): *A Neolitização do Portugal Meridional. Os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental*. Faro.
- Carvalho, A. F. (2014): *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro.
- Carvalho, A. F. e Cardoso, J. L. (2011): "A cronologia absoluta das ocupações funerárias da gruta da Casa da Moura (Óbidos)". *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18: 393-405.

- Carvalho, A. F. e Cardoso, J. L. (2015): “Insights on the changing dynamics of cemetery use in the neolithic and chalcolithic of southern Portugal. Radiocarbon dating of Lugar do Canto Cave (Santarém)”. *SPAL*, 24: 35-54. <<https://doi.org/10.12795/spal.2015i24.02>>.
- Carvalho, A. F., Jacinto, M. J., Duarte, C., Maurício, J. e Souto, P. (2000): “Lapa dos Namorados (Pedrógão, Torres Novas): estudo dos materiais arqueológicos”. *Nova Augusta*, 12: 151-172.
- Carvalho, A. F. e Regala, F. T. (2014): “Bom Santo cave: The site and its record”. Em A. F. Carvalho (ed.): *Bom Santo cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro: 9-18.
- Castro, L. A. e Ferreira, O. V. (1972): “O nível neolítico da gruta das Salemas (Ponte de Lousa)”. *Arqueologia e História*, 4 (9ª Série): 399-409.
- Cortes, V., Ferreira, O. V., Furtado, A., Maurício, A. S. e Monteiro, J. A. (1977): “A Lapa do Suão (Bombarral): Relatório da campanha de escavações de 1970”. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, 83: 219-237.
- Cruz, A., Graça, A., Oosterbeek, L., Almeida, F. e Delfino, D. (2013): “Gruta do Morgado Superior — Um estudo de caso funerário no Alto Ribatejo (Tomar, Portugal)”. *Vínculos de História*, 2: 143-168.
- Delgado, J. N. (1867): *Da existencia do homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelo estudo das cavernas: noticia acerca das Grutas de Cesareda*. Lisboa.
- Delgado, J. N. (1880): “Les grottes de Peniche et Casa da Moura, Portugal: station et sépulture néolithique”. *Matériaux pour l'Histoire Primitive et Naturelle de l'Homme*, 11 (2ª Série): 241-247.
- Delgado, J. N. (1884): “La grotte de Furninha a Peniche”. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Compte rendu de la Neuvième session à Lisbonne, 1880*. Lisbonne: 207-279.
- Delicado, C., Borges, L., Monte, J., Espírito Santo, B., Lopes, J. e Silva, I. (2023): “Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospeção arqueológica realizados no Vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)”. Em J. M. Arnaud, C. Neves e A. Martins (eds.), *Arqueologia em Portugal 2023 - Estado da Questão*. Lisboa: 345-356.
- Diniz, M. (1994): *Acerca das cerâmicas do Neolítico Antigo da gruta da Furninha (Peniche) e da problemática da neolitização do centro/sul de Portugal*. Trabalho de síntese apresentado no âmbito das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Policopiado):
- Diniz, M. e Gonçalves, V. S. (1994): “Na 2ª metade do século XIX: luzes e sombras sobre a institucionalização da Arqueologia em Portugal”. *O Arqueólogo Português*, 11/12 (4ª Série): 175-187.
- Duarte, C. (1998): “Necrópole neolítica do Algar do Bom Santo: contexto cronológico e espaço funerário”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1:2: 107-118.
- Fabião, C. (1996): “Archaeology and nationalism: the Portuguese case”. Em M. Díaz-Andreu e T. Champion (eds.): *Nationalism and Archaeology in Europe*. London: 90-107.
- Fabião, C. (1999): “Um século de Arqueologia em Portugal — I”. *Al-madan*, 8 (2ª Série): 104-126.
- Fabião, C. (2008): “José Leite de Vasconcelos (1858-1941): um arqueólogo português”. *O Arqueólogo Português*, 26 (4ª Série): 97-126.
- Fabião, C. (2011): *Uma História da Arqueologia Portuguesa*. Lisboa.
- Fernandes, R. (2011): *Entre a Arrábida e o Alentejo Central: o enquadramento das Grutas Naturais no contexto da Pré-História*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Évora.
- Fernandes, R. e Rocha, L. (2008): Intervenção arqueológica na Lapa dos Pinheirinhos 1 (Sesimbra): *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11:2: 29-40.
- Furtado, A., Maurício, A. S., Cortês, V. e Monteiro, J. A. (1969): “Lapa do Suão (Bombarral)”. *O Arqueólogo Português*, 3 (3ª Série): 63-69.
- Gomes, L., Varanda, A. e Zilhão, J. (2022): “Relatório Final. Gruta do Caldeirão. Relatório dos trabalhos arqueológicos de 2021”. Lisboa.
- Gonçalves, J. L. (1992): “As grutas da Serra de Montejunto (Cadaval)”. *O Arqueólogo Português*, 8/10 (4ª Série): 41-201.
- Gonçalves, V. S. (1973): “Uma nova necrópole de Idade do Bronze: A Gruta da Marmota”. *O Arqueólogo Português*, 6 (3ª Série): 213-218.

- Gonçalves, V. S. (1974): *Relatório Final. A campanha 2/74 na gruta da Marmota (Alcanena)*. Apresentado à Direção Geral do Património Cultural. Lisboa.
- Gonçalves, V. S. (1989a): “Manifestações do Sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular (1). Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias, uma nota preambular”. *Almansor*, 7: 289-302.
- Gonçalves, V. S. (2003): *Sítios, “Horizontes” e Artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas. Estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal* (2 ed.): Cascais.
- Gonçalves, V. S. (2008a): *A utilização pré-histórica da Gruta de Porto Covo (Cascais). Uma revisão e algumas novidades*. Cascais.
- Gonçalves, V. S. (2008b): *As ocupações pré-históricas das Furnas do Poço Velho (Cascais)*. Cascais.
- Gonçalves, V. S., Andrade, M. A. e Pereira, A. (2014): “As placas votivas (e o báculo) da Lapa da Galinha, na primeira metade do 3.º milénio a.n.e.”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21: 109-158.
- Gonçalves, V. S. e Pereira, A. R. (1974-77): “Considerações sobre Neolítico da Gruta dos Carrascos (Monsanto, Alcanena)”. *O Arqueólogo Português*, 7-9 (3ª Série): 49-87.
- Guilaine, J. e Ferreira, O. V. (1970): “Le Néolithique ancien au Portugal”. *Bulletin de la Société Préhistorique Française. Études et travaux*, 67:1: 304-322.
- Harpsoe, C. H. e Ramos, M. F. (1987): “Gruta dos Penedos (Ponte de Lousa)”. *Arqueologia*, 15: 140-143.
- Haws, J. (2010): “Relatório Final. Gruta do Ribeiro do Pereiro (Cova das Lapas)”. Apresentado à Direção Geral do Património Cultural. Lisboa.
- Kunst, M. (2002): “Os primeiros agricultores e metalurgistas em A dos Cunhados: o Neolítico e o Calcolítico”. Em J. L. Fontes (ed.): *A dos Cunhados. Itinerários da Memória*. A dos Cunhados: 55-65.
- Lartet, E., Christy, H. e Jones, T. R. (1875): *Reliquiae Aquitanae: Being Contributions to the Archaeology and Palaeontology of Périgord and the Adjoining Provinces of Southern France*. London.
- Leitão, M., North, C. T., Norton, J., Ferreira, O. V. e Zbyszewski, G. (1984): “The prehistorical burial cave at Verdelha dos Ruivos (Vialonga), Portugal”. Em J. Guilaine (ed.): *L'âge du cuivre européen*. Paris: 221-239.
- Leitão, M., North, C. T., Norton, J., Ferreira, O. V. e Zbyszewski, G. (1987): “A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede)”. *O Arqueólogo Português*, 5 (4ª Série): 37-66.
- Machado, J. L. S. (1964): “Subsídios para a História do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos”. *O Arqueólogo Português*, 5 (2ª Série): 51-448.
- Marques, G. (1971): “Fojo dos Morcegos - Assafora (Sintra)”. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, 1: 143-149.
- Marques da Costa, A. I. (1903): “Estações prehistóricas dos arredores de Setúbal”. *O Arqueólogo Português*, 8 (1ª Série): 266-274.
- Monteiro, R. e Serrão, E. C. (1959): “Estação Isabel (Necrópole Pré-Histórica da Azóia)”. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: 407-429.
- Nogueira, A. M. (1933): *Estação pré-histórica de Olelas (Elementos para o seu estudo)*. Lisboa.
- Natividade, M. V. (1903): “Grutas de Alcobaça. Materiaes para o estudo do homem”. *Portugalia*, Tomo I: Fasc. 3: 433-474.
- Oliveira, A. C., Silva, A. R., Deus, M. M. e Estêvão, F. (2000): *Carta Arqueológica do Município de Loures*. Loures.
- Oosterbeek, L. (1985): “Elementos para o estudo da estratigrafia da gruta do Cadaval”. *Almadam*, 4/5: 7-12.
- Oosterbeek, L. (1993a): “Gruta dos Ossos (Tomar): Um ossuário do Neolítico Final”. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*, 18: 10-28.
- Oosterbeek, L. (1993b): “Nossa Senhora das Lapas: excavation of prehistoric cave burials in Central Portugal”. *Papers from the Institute of Archaeology*, 4: 49-62.
- Paço, A. (1941): “As grutas do Poço Velho ou de Cascais”. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, XXII: 45-84.
- Paço, A. e Vaultier, M. (1943): “A Gruta de Pôrto-Covo”. *Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, 1: 118-129.
- Paço, A., Vaultier, M. e Zbyszewski, G. (1941): “Nota sobre a Lapa da Bugalheira”. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais*, 13: 275-279.
- Paço, A., Vaultier, M. e Zbyszewski, G. (1947): “A Gruta da Nascente do Rio Almonda”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XI: 1-2: 171-187.

- Paço, A., Zbyszewski, G. e Ferreira, O. V. (1971): “Resultados das escavações na Lapa da Bugalheira Torres Novas”. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 55: 23-47.
- Pereira, F. A. (1908): “Chronica”. *O Arqueólogo Português*, 13 (1ª Série): 382-384.
- Pereira, J. P. (1976-77): “A gruta natural de Salvé-Rainha (Serra de Montejunto)”. *Setúbal Arqueológica*, 2-3: 49-98.
- Pereira, T., Holliday, T. e Carvalho, V. (2016): “Relatório Final. Identificação de sítios inéditos de cronologia pré-histórica na bacia do Lis”. Apresentado à Direção Geral do Património Cultural. Lisboa
- Pereira, T. e Oosterbeek, L. (2020): “Relatório dos trabalhos arqueológicos da Gruta do Cada-val”. Em L. Oosterbeek, T. Pereira e N. Almeida (eds.): *Moving tasks across shapes. Reassessing the mechanisms of agropastoralist spread in Central Portugal*. Mação: 73-89.
- Peyroteo-Stjerna, R. (2017): “Arqueotematologia e coleções museológicas: estratégias e desafios para o estudo das práticas funerárias do passado”. Em J. M. Arnaud e A. Martins (eds.): *Arqueologia em Portugal- Estado da Questão 2017*. Lisboa: 447-459. <<http://hdl.handle.net/10451/30545>>.
- Pinto, M. A., Rodrigues, A. F., Maurício, J. e Souto, P. (2007): “Escavações Arqueológicas nas Grutas 2 e 3 da Curva da Bezelga (Fungalvaz, Torres Novas): Resultados Preliminares”. Em J. M. Brandão, C. Calado e F. S. Couto (eds.): *Património geológico, arqueológico e mineiro em regiões cársicas. Actas do Simpósio ibero-americano*. SEDPGYM: 207-220.
- Rendeiro, L. e Delicado, C. (2018): “A ocupação pré-histórica da gruta da Barroda 3 (Atouguia da Baleia, Peniche): uma análise preliminar”. *Scientia Antiquitatis*, 2: 49-80.
- Ribeiro, C. (1878): *Notícia de algumas estações e monumentos prehistoricos. I — Notícia da estação humana de Licêa*. Lisboa.
- Ribeiro, J. D. (1908): *Memórias de Turquel*. Porto.
- Rocha, A. S. (1907a): “As grutas da Columbeira”. *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, 1 (4): 118-122.
- Rocha, A. S. (1907b): “A caverna da Fórnea”. *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, 1 (5): 146-149.
- Rodrigues, F., Souto, P., Ferreira, A., Varanda, A., Gomes, L., Gomes, H. e Zilhão, J. (2020): “Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)”. Em J. Arnaud, C. Neves e A. Martins (eds.): *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: 823-835. <<https://doi.org/https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa60>>.
- Rodrigues, F. e Zilhão, J. (2020): “Relatório de progresso — Projeto ARQUEVO — Arqueologia e Evolução dos primeiros humanos na fachada atlântica da Península Ibérica — Sítio: Lapa da Bugalheira — Anos de execução: 2019”. Apresentado à Direção Geral do Património Cultural. Lisboa.
- Santos, M. C., Zbyszewski, G. e Ferreira, O. V. (1971): “A gruta pré-histórica das Alcobertas”. *II Congresso Nacional de Arqueologia* (Vol. 2): Coimbra: 97-106.
- Serrão, E. C. e Marques, G. (1971): “Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra)”. *II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*: Lisboa 121-142.
- Silva, A. M. (2005): “A necrópole da Serra da Roupá: caracterização demográfica, morfológica e patológica de uma população portuguesa no Neolítico final/Calcolítico”. Em R. Ontañón Peredo, C. García-Moncó Piñeiro e P. Arias Cabral (eds.): *Actas del III Congreso del Neolítico en la Península Ibérica*. Santander: 787-792.
- Silva, A. M. (2012): *Antropologia Funerária e Paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico e Calcolítico*. Lisboa.
- Silva, A. M., Boaventura, R., Pimenta, J., Detry, C. e Cardoso, J. L. (2014): “Perscrutando espólios antigos: a gruta de Pedra Furada 1 (Vila Franca de Xira)”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21: 159-182.
- Spindler, K. e Gally, G. (1973): *Kupferzeitliche Siedlung und Begräbnisstätten von Matacães in Portugal*. Vol. 1. Mainz.
- Strauss, L., Altuna, J., Jackes, M. e Kunst, M. (1988b): “New excavations in Casa da Moura (Serra d’el Rei, Peniche) and at the Abrigos de Bocas (Rio Maior), Portugal”. *Arqueologia*, 18: 65-95.

- Tereso, J., Neves, C., Gaspar, R., Aldeias, V., Duarte, C., Gonçalves, D., Neto, F. e Pinheiro, V. (2006): “A necrópole neolítica da gruta do Rio Seco (Alcobaça): dados da primeira intervenção”. Em N. Bicho e A. F. Carvalho (eds.): *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Simbolismo, Arte e Espaços Sagrados na Pré-história da Península Ibérica*. Faro: 89-109.
- Tomé, T. (2013a): “Lapa Comprida do Castelejo - estudo laboratorial dos restos ósseos humanos exumados de uma gruta-necrópole (Alvados - Porto de Mós)”. *Antrope*, 0: 59-66.
- Tomé, T. (2013b): “Lapa Rasteira do Castelejo (Alvados, Porto de Mós) - Relatório do estudo laboratorial dos restos ósseos humanos exumados na campanha de escavação de Outubro de 2009”. *Antrope*, 0: 81-95.
- Torres, J. A. (1909): “Archeologia Portuguesa”. *Ilustração Portuguesa*, 174: 789-794.
- Valente, A. (2017): “Relatório Final. Escavação De Emergência Dos Abrigos 1 e 2 do sítio arqueológico Lizandro 1 no âmbito da empreitada EN: 247, Km 54+700 Ao Km 55+200, Estabilização de taludes de escavação e encosta (Carvoeira — Mafra)”. Apresentado à Direção Geral do Património Cultural. Lisboa.
- Van Calker, D. (2020): *Revisitar a Lapa da Galinha (Alcanena, Santarém): as práticas funerárias no Maciço Calcário Estremenho (4º e 3º milénios a.n.e.)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <<http://hdl.handle.net/10451/46097>>.
- Vasconcelos, J. L. (1915): *História do Museu Etnológico Português (1893-1914)*: Lisboa.
- Vaultier, M., Roche, J. e Ferreira, O. V. (1959): “Novas escavações na gruta da Ponte da Lage (Oeiras)”. *I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*: Lisboa: 111-114.
- Zbyszewski, G., Ferreira, O. V., Leitão, M. e North, C. T. (1987): “O Paleolítico da gruta do Correio-Mor (Loures)”. *Setúbal Arqueológica*, 8: 7-27.
- Zbyszewski, G., Ferreira, O. V. e Viana, A. (1957): “A gruta pré-histórica da Ponte da Laje (Oeiras)”. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 38 (2): 389-400.
- Zbyszewski, G. e Viana, A. (1949): “Grutas de Maiceira (Vimieiro)”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XII: 114-125.
- Zilhão, J. (1984): *A gruta da Feteira (Lourinhã): Escavação de salvamento de uma necrópole neolítica*. Lisboa.
- Zilhão, J. (1992): *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*. Lisboa.
- Zilhão, J. (1997): *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*. Lisboa.
- Zilhão, J. (2023): *Portugal na Idade do Gelo. Território e Habitantes*. Lisboa.
- Zilhão, J., Maurício, J. e Souto, P. (1991): “A Arqueologia da Gruta do Almonda (Torres Novas). Resultado das escavações de 1988-89”. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas: Investigação e Defesa do Património*. Lisboa: 161-171.